

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE MUSEOLOGIA - BACHARELADO

Yan Megarom Naves de Queiroz

(CIS)TEMA:

A COSTURA DA VIDA DE PESSOAS TRANS NO CAMPO MUSEAL

Goiânia

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Yan Megarom Naves de Queiroz

Título do trabalho: (Cis)tema: a costura da vida de pessoas trans no campo museal

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Camila Azevedo De Moraes Wichers, Professora do Magistério Superior**, em 19/03/2024, às 11:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Yan Megarom Naves De Queiroz, Discente**, em 19/03/2024, às 12:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4451491** e o código CRC **29BBED01**.

Referência: Processo nº 23070.004739/2024-48

SEI nº 4451491

Yan Megarom Naves de Queiroz

(CIS)TEMA:

A COSTURA DA VIDA DE PESSOAS TRANS NO CAMPO MUSEAL

Monografia apresentada ao Bacharelado em Museologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Camilla de Moraes Azevedo Wichers

Goiânia

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Queiroz, Yan Megarom Naves de
(Cis)tema: [manuscrito] : a costura da vida de pessoas trans no campo museal / Yan Megarom Naves de Queiroz. - 2024.
LXVIII, 68 f.

Orientador: Prof. Camila Azevedo de Moraes Wichers.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Museologia, Goiânia, 2024.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, gráfico, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Museologia LGBT; 2. Memória; 3. Comunidade; 4. Museu da Diversidade Sexual; 5. Pessoas trans e travestis.. I. Wichers, Camila Azevedo de Moraes, orient. II. Título.

CDU 316



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos trinta dias do mês de janeiro do ano de 2024 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “(Cis)tema: a costura da vida de pessoas trans no campo museal” de autoria de Yan Megarom Naves de Queiroz do curso de Museologia, da Faculdade de Ciências Sociais da UFG (FCS-UFG). Os trabalhos foram instalados pela Profa. Camila Azevedo de Moraes Wichers (FCS-UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Profa. Kamylla Passos (Instituto Butantan) e Profa. Bárbara Yanara (FCS-UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Camila Azevedo De Moraes Wichers, Professora do Magistério Superior**, em 30/01/2024, às 10:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Barbara Yanara Da Silva, Professora do Magistério Superior-Substituta**, em 30/01/2024, às 11:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Karlla Kamylla Passos, Usuário Externo**, em 08/02/2024, às 08:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4346523** e o código CRC **82A0CC7D**.

Yan Megarom Naves de Queiroz

(CIS)TEMA: A COSTURA DA VIDA DE PESSOAS TRANS NO CAMPO MUSEAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás como requerimento parcial ao título de Bacharel em Museologia.

Aprovado em _____ de _____ de 2024

Banca Examinadora

Prof. ^aDra. Camila Azevedo de Moraes Wichers

Orientadora

Prof. ^aDra. Karlla Kamylla Passos dos Santos

Prof^a Ma. Barbara Yanara da Silva

Dedico o meu trabalho a todas (os) pessoas que sofreram/sofrem algum tipo de violência ou apagamento nas instituições museais. Especialmente as pessoas trans, da comunidade LGBT, a minha comunidade. Sabemos o quão complexas são as nossas vivências e como a opressão trabalha para nos silenciar. Posso traduzir este trabalho como, semente da resistência, por todos que já vieram e pelos que virão.

Agradecimentos

A minha mãe, Maria Beatriz de Queiroz Neta Naves, por ser como uma âncora que me segurou no mar conturbado da graduação, sempre me incentivando e o mais importante me apoiando. Obrigado por me levar café todas as noites que precisei para terminar alguns trabalhos durante a graduação e esse. Agradeço também pelo fato de ter feito o que podia e o que não podia para que eu pudesse ter a maior experiência da minha vida (a graduação) de forma tranquila. Tenho que agradecer a minha avó materna, Ana Castro de Queiroz, provavelmente a pessoas que mais torceu e vibrou com as minhas conquistas depois da minha mãe, minha avó e como uma segunda mãe, deu suporte quando as coisas ficaram complicadas e que sempre me ajudou sendo com lanches para levar para universidade nos dias que não tinha dinheiro até com simples apoio, para que eu desistisse pois isso seria só início da minha jornada.

Aos meus amigos, por sempre estarem comigo, mesmo muita das vezes trocando-os pela universidade pela quantidade de trabalhos, mas tem alguns amigos que preciso ter uma dedicação melhor. Agradeço a minha melhor amiga Cecília Ferreira Bastos por ter sempre me encorajado a não desistir, por sempre dar palavras de apoio e por sempre me manter informado do mundo externo, mesmo estando atolada de trabalhos do curso dela, manteve-me ajudando sem soltar a minha mão em nenhuma fase. Outra amiga que devo agradecimento e a Emily Tainá Moreiras Santos, que acabou de se formar em enfermagem na UFG, ela foi a responsável por me avisar que tinha passado na chamada pública e por me dar suporte e me orientar para a entrega de documentos no dia da matrícula, provavelmente se ela não tivesse visto e me avisado que tinha sido selecionado eu não teria entrado na universidade.

Ao meu namorado Ryan Lopes por todo tempo que me afastei aos fins de semana, pelo simples fato de nunca desacreditar em mim e sempre me apoiar até nos momentos em que pensei em desistir. Nos encontramos no momento mais conturbado da graduação, que é o desenvolvimento da monografia e mesmo assim se manteve do meu lado. Depois dos meus amigos e minha família, ele simplesmente o maior apoiador do profissional que vou me tornar.

A minha professora e orientadora, Camila Azevedo de Morais Wichers, por ser essa pessoa tão incrível e amorosa. A Camila serviu como outra forma de suporte, ela foi umas das responsáveis por me ajudar a compreender o curso, quando entrei era um ser muito assustado com tudo e a Camila foi a responsável por me colocar nos eixos. Agradeço ter aceitado ser minha orientadora, por nos ensinar a ver e ler um mundo de forma mais justa e me ajudar a

entender que sou importante para a mudança, que sou parte dela. O professor Jean Baptista foi um dos grandes responsáveis por me fazer compreender a museologia LGBT, a comunidade e também por ser uma grande inspiração de ser um corpo político no campo museal.

A professora Kamylla Passos por ter aceito fazer parte da minha banca, que foi uma pessoa que transcende a relação de professora e aluno, ela acabou se tornando uma amiga pessoal que me apoiou nos momentos frágeis, me apoiando sempre a escrever e defender com unhas e dentes as ideias que eu tinha para pesquisa e que me apresentou a área que tenho uma grande afinidade dentro da museologia, que é a conservação.

A professora Bárbara Yanara da Silva por ter aceito ser parte da banca, mas não só, nesse breve encontro que tivemos na graduação a professora Bárbara foi responsável por me ensinar o senso crítico em torno da arte e das intuições, compreender sobre as leis que abraçam a nossa profissão na matéria de Legislação e Ética e de me mostrar o quão importante e o desenvolvimento da oratória, para que a gente não se deixe ser engolido pela opressão, seja ele sobre meu corpo LGBT ou profissional.

E se estiver faltando alguém, agradeço a todos que me apoiaram nessa jornada e nessa pesquisa. Obrigado!

Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal analisar e refletir como a hegemonia cultural segrega grupos marginalizados como a comunidade LGBT, dando ênfase na letra T da sigla, e versando acerca das consequências da ausência dessas pessoas nos museus, instituições de arte e culturais. A cisgeneridade, a binaridade compulsória, a branquitude e o elitismo que permeiam os âmbitos museais desde o seu nascimento, afetando os modos do fazer museal e suas representações, organizadas e sistematizadas para a expulsão de forma vil e cruel da comunidade LGBT e de qualquer forma de representatividade de memória. Por meio da revisão bibliográfica sobre o tema, da análise de exposições do Museu da Diversidade Sexual e da aplicação de um questionário, são tecidas considerações acerca das costuras das representatividades T no campo museal. Este trabalho mostra as ausências, mas também mostra movimentações e construções para a própria museologia, como diz a eterna Gal Costa “É Preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte”, um exercício museal compartilhado, como diz a artista Ieda Figueiró “a proposta de escolher o amor enquanto prática”.

Palavra Chave: Museologia LGBT; Memória; Comunidade; Museu da Diversidade Sexual; Pessoas trans e travestis.

Abstract

The main objective of this work is to analyze and reflect on how cultural hegemony segregates marginalized groups such as the LGBT community, emphasizing the letter T in the acronym, and discussing the consequences of the absence of these people in museums, artistic and cultural institutions. Cisgenderity, compulsory binarity, whiteness and elitism that have permeated museum spaces since their birth, affecting the ways of creating museums and their representations, organized and systematized for the vile and cruel expulsion of the LGBT community and any form of representation of memory. Through a bibliographical review on the topic, analysis of exhibitions at the Museum of Sexual Diversity and application of a questionnaire, considerations are made about the seams of the representation of T in the museum field. This work shows absences, but also shows movements and constructions for museology itself, as the eternal Gal Costa says “We need to be attentive and strong, we don't have time to fear death”, a shared museological exercise, like the artist Ieda Figueiró, says: “the proposal to choose love as a practice”.

Keyword: LGBT Museology; Memory; Community; Museum of Sexual Diversity; Trans and transvestite people.

Índice de Figuras

Figura 1 : Exposição “O T da Questão”	28
Figura 2 : Exposição “O T da Questão”	28
Figura 3 : Madalena Schwartz	29
Figura 4 : Exposição Crisalidas.....	30
Figura 5 : Exposição Crisaliadas.....	30
Figura 6 : Exposição II Amostra Diversa.....	31
Figura 7 : Exposição II Amostra Diversa.....	32
Figura 8 : Laerte Coutinho.....	32
Figura 9 : Exposição Plural 24 H	33
Figura 10 : Exposição Plural 24 H	34
Figura 11 : Exposição Devassos no Paraíso	35
Figura 12 : Exposição Devassos no Paraíso	35
Figura 13 : Exposição Queerrentena	36
Figura 14 : Exposição Memória para Autodefesa	37
Figura 15 : Paula Beatriz de Souza Cruz.....	38
Figura 16 : Luana Muniz.....	38
Figura 17 : Leandrinha Du Art	39
Figura 18 : Brunna Valin	40
Figura 19 : Exposição Dando Pinta no Brasil Colônia	41
Figura 20 : Exposição Paloma	42

Índice de Tabela

1 Tabela : Tabela das exposições	27
---	-----------

Índice de Gráfico

1 Gráfico : Recorte Regional	48
2 Gráfico : Recorte de Género	49
3 Gráfico : Recorte de Orientação Sexual	50
4 Gráfico : Recorte de Raça.....	51
5 Gráfico : Correspondente às exposições que os voluntários foram	54
6 Gráfico : Se teve obras dos voluntários expostas.....	56

Sumário

Introdução	12
Capítulo 1. Entre a Museologia LGBT e as multidões queer	14
1.1. Conceitos de gênero e linguagens	14
1.2. Intersecções na multidão	18
1.3. Lugar de enunciação: quem vos fala?	21
Capítulo 2. Museu da Diversidade Sexual	22
Lutas por lugares de memória	22
Exposições de Corpas(os)	26
2.3. Problematizações de memória	42
Capítulo 3. O dar a elza: roubos e apagamentos de pessoas trans no campo museal	47
Considerações finais	59
Bibliografia	61
Sites Utilizados	65
Apêndice	67

INTRODUÇÃO

Quando pesquisamos sobre exposições que têm a temática LGBT, percebemos que existe uma fissura que divide algumas “letras” dessa sigla e as apartadessa comunidade, como se fossem quase indesejados e impedidos de ganharem voz dentro de espaços culturais. A pesquisa é decorrente das ausências da comunidade trans em intuições de cultura sendo elas museus e galerias, examinando como a comunidade LGBT também colabora com essa exclusão e como essa problemática perpassa por questões sociais, como: recorte de classe, classificações de gêneros, raça e regionalidade.

Ao longo da história vem se formando uma padronização e hegemonização hetero (cis), assim, por pertencer a essa estrutura social, a comunidade LGBT adquiriu certos resquícios dessas características como: racismo, transfobia, problemas com diversidade de corpos e questões de classes sociais. Uma das grandes raízes desse problema social, está no primeiro capítulo da obra mais conhecida da Judith Butler “Problemas de Gênero” (1990), onde ela nos apresenta como a heterossexualidade compulsória e o falocentrismo, são usados como regimes fixos e violentos de poder/discurso na sociedade.

A cisgeneridade, mais específico o falocentrismo são elementos cruciais de poder/discurso, são duas camadas sociais que estão muito ativas dentro da comunidade, no qual se aplica a passibilidade de alguns corpos.

Entender o poder da binaridade dentro de uma sociedade é um passo importante para que possamos nos debruçar sobre algumas problemáticas, entre elas, a representatividade. Nos últimos tempos essa palavra foi muito usada por vários grupos sociais marginalizados, com o intuito de procurar e se tornar visível dentro de uma sociedade como um corpo reconhecido. Porém, esse reconhecimento de corpos não é tão fácil assim pois a comunidade, por vezes, ainda se apegua a ideia da binaridade como um único marcador para se pensar em representação de corpos: “E a tarefa é justamente formular, no interior dessa estrutura constituída, uma crítica às categorias de identidade que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam” (Butler, 2018 p.22).

“A sigla que utilizamos em nossos estudos é LGBT, designando, com isso, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais/travestis/transgêneros. Tal escolha justifica-se por se tratar de uma sigla utilizada desde 2009 pelo Estado brasileiro para a efetivação de políticas públicas, tais como o Plano Nacional de Promoção de Cidadania e Direitos Humanos de LGBT. No entanto, para nós, esta sigla não exclui ou ignora suas antecessoras e as demais identidades possíveis no cenário das múltiplas sexualidades da humanidade. Por agora, contudo, atemo-nos à sigla LGBT, sobretudo por ter se tornado oficial nas políticas públicas do Brasil.” (Baptista, Jean. Boita, Tony. 2017. Pg.110).

A minha inquietação que me trouxe ao tema, problema e proposta para a monografia veio em decorrente a dois motivos, o primeiro foi observar desde que me assumi que a comunidade LGBT não é tão unida e muitas das vezes não é incluída com os corpos que partem da margem de sexualidade. O segundo é perceber que no campo da museologia existe uma grande lacuna quando se trata de pessoas trans atuando e se formando na área, ao longo do trabalho discuto isso com mais aprofundamento, então trato nesse trabalho um olhar para essa comunidade ausente tanto nos museus quanto o que se refere como comunidade LGBT. O objetivo da pesquisa foi fazer um levantamento por meio do método quali-quantitativo, na qual permitiu a coleta de experiências para que eu pudesse analisar e, então, dar embasamento para a crítica das ausências da comunidade trans em instituições culturais. Para isso, foi utilizada a ferramenta do *Google Forms*, bem como a rede social *Instagram*, foi utilizado algumas buscas em fazer o fomento ou divulgação de artistas, obras e feiras que trazem essa divulgação, essas buscas foram importantes para a minha aproximação com as pessoas que responderam ao questionário. Foram utilizadas também referências bibliográficas que foram responsáveis por ajudar a fundamentar as minhas reflexões, para além disso, serviram para que eu pudesse compreender o meu lugar na pesquisa e ter acesso a outras vivências, como a comunidade trans, que é colocada à margem social, intelectual e artisticamente.

A pesquisa está dividida em três capítulos, os quais contribuem para a linha de reflexão e problematização sobre o tema. O primeiro capítulo é utilizado para que as pessoas possam compreender como a cultura é construída e como as intuições museológicas podem contribuir para exclusões, além de costurar as intencionalidades sobre os corpos e corpos da comunidade LGBT.

No segundo capítulo, coloco o Museu da Diversidade Sexual de São Paulo (MDS) como um objeto de pesquisa, delineando a história da instituição e como ela veio a ser um dos lugares mais importantes para o fomento de memória e cultura LGBT. Nesse mesmo capítulo, são apresentadas as exposições onde as pessoas trans são peças centrais, esse item é importante para que possa materializar as minhas hipóteses.

O último e terceiro capítulo se trata da análise do formulário que elaborei com vistas a escutar o que pessoas trans, em especial, artistas, pensam a respeito dos museus e instituições culturais. Destaca-se a materialização da interseccionalidade no meio da comunidade e como os fatores levantados são importantes para compreender as exclusões desses corpos dentro das intuições. Para além dos dados levantados, esse capítulo tem uma importância pois ele é dotado

de informações dadas por pessoas voluntárias que responderem ao formulário.

CAPÍTULO 1. ENTRE A MUSEOLOGIA LGBT E AS MULTIDÕES *QUEER*

1.1. Conceitos de gênero e linguagens

O desamparo cultural LGBT¹ é imposto desde a idade moderna e vem se moldando ao longo do tempo. Pessoas LGBT são criadas sobre/com esse abandono cultural, que é responsável por inferiorizar e dissociar o corpo LGBT do afeto e da memória. Ao longo deste trabalho, todas as vezes que eu trago a memória, é tanto um ato legítimo do significado da palavra até a prática da representação, que se dá sentido para ela.

Felipe Areda em uma aula online idealizada pelo Distrito Drag (2022) sobre a construção de cultura LGBT, elenca algumas dimensões desse desamparo construído pela heteronormatividade e cisgeneridade compulsória, na qual escolhi duas que criam um paralelo sobre o tema que proponho neste trabalho. O primeiro é o desamparo do tempo, no qual é colocado a comunidade LGBT por muitos religiosos extremistas como idealizadores do fim da raça humana; esse desamparo não vem só na questão ideológica de seres reprodutores, mas também de um isolamento da história, pois como não somos peças do capitalismo reprodutor, não é dado o direito a nós de construção de história, memória e representatividade.

O segundo ponto elencado por Areda é o desamparo da morte, um dos elementos dessa falta de proteção é o apagamento de vestígios históricos de pessoas da comunidade, principalmente corpos ainda mais marginais como os corpos de mulheres, de pessoas trans e de pessoas que se desprendem da forma normativa de performance de gênero na sociedade em determinado recorte histórico, na qual não havia uma identidade para se adequarem.

A colonização, o racismo, o patriarcado de alta intensidade, a cisnormatividade e a heteronormatividade, são elementos que contribuem para que a própria comunidade LGBT construa hierarquias em suas produções culturais. Podemos compreender que ao expor um acervo pertencente a sigla LGBT, ele acaba sendo muito mais aceito se pertencer ou fizer referência a um corpo cisgênero do que se remeter a um corpo que saia da norma cisgênera,

¹ LGBT é uma sigla que significa *Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero*. Está em uso desde a década de 1990, o termo que é uma adaptação da sigla GLS que começou a substituir o termo *gay* em referência à comunidade LGBT mais ampla a partir de meados da década de 1980 que aproximadamente a partir de 1988, ativistas começaram a usar o inicialismo *LGBT* nos Estados Unidos. (The Washington Post, 2014)

com isso reforça-se o estereótipo de alegação social de que qualquer corpo que saia da narrativa de gênero imposta culturalmente advinda de uma heteronormatividade dominante, não tem o direito de representação nem como artista, nem como nas artes e nem como indivíduo.

Humberto Souza e Luiz Merkle (2020 pg.60) afirmam que:

(...) ao selecionar, coletar, preservar, organizar e/ou disponibilizar documentos, mais que somente preservar uma memória – e especialmente se esta memória estiver sendo compreendida como uma verdade sobre esta comunidade –, um acervo funciona como um lugar de significação, de produção dos sentidos que alega somente preservar e/ou representar.

Isto significa que espaços museológicos com corpos trans e travestis, são lugares de significação e representatividade para essas pessoas, as colocando como indivíduos sociais que merecem o direito da memória em espaços culturais, com isso exercendo uma influência principalmente para os mais jovens que são representantes desses corpos. Mas se nós fizéssemos um exercício de acreditar que a cultura pode ser utilizada para ressignificar esses processos de desamparo, quais corpos seriam amparados? Até aqui entendemos a importância de um pertencimento como identidade em espaços culturais, porém, até onde vai esse pertencimento?

A criação e a consolidação do conceito da Museologia LGBT produzida por Tony, Jean e Camila estremece as estruturas das instituições clássicas e tradicionais, as forçando a se adequar em estruturas contemporâneas para uma representação literal da palavra de um social, como um todo dentro dessas instituições. Segundo Boita, Baptista e Wichers (2020, pg 110):

Museologia LGBT é um conjunto de concepções e práticas realizadas por pessoas que pertencem aos extratos populares dissidentes da matriz heterossexual latino-americana, interessada na salvaguarda dos patrimônios de suas comunidades sem se desconectar do campo da política pública e, conseqüentemente, da superação da realidade opressora a que nossos corpos minoritários são cotidianamente submetidos pelas elites brancas e detentoras das riquezas nacionais.

Porém, a sociedade hegemônica heteronormativa e cisgênera se atualiza nas formas de opressão de subcomunidades dissidentes de sexo e gênero. Museus podem se apropriar do conceito da Museologia LGBT, mas manter a exclusão de corpos que compõem a sigla, fazendo distinções de corpos que servem ou não estar naquele espaço, apenas corpos dotados de passabilidade podem pertencer às paredes expositivas, com isso se atualizando em formas de apagamento e silenciamento.

A atualização da opressão de corpos de subcomunidades em museus, pode ser compreendida como homolesbotransfobia museológica, que segundo Boita (2020 pg.107) é:

Chamo de homolesbotransfobia museológica todo e qualquer procedimento da cadeia operatória que é utilizado como argumento para invisibilizar e/ou ignorar as pessoas LGBT, priorizando, escondendo ou até estimulando a desinformação ou a deterioração dos bens culturais museológicos. Em resumo, ao estimular a invisibilização, os museus incentivam a homolesbotransfobia.

As instituições têm suas curadorias marcadas por processos de higienização, nesse caso apenas parte da comunidade LGBT ajusta-se dentro dessas instituições. Ainda existe, assim, uma espécie de “pente fino” para que essa comunidade ou parte dela seja mais ajustada, reprimindo qualquer atividade artística que altere não só a expografia cisgênera, mas também as concepções de quem pode ou não adentrar aqueles espaços. Aqui utilizo o termo expografia cisgênera para qualquer tipologia de exposição em espaços museológicos e culturais onde são inseridos e/ou representados apenas corpos e artes de pessoas cisgêneras, sendo elas homens ou mulheres, independente de orientação sexual.

Mesmo sendo um grupo social que reivindica políticas inclusivas e equânimes de representação, esse corpo não está isento em performar construções de traços sociais heteronormativos, traços esses que podem ser usados para excluir membros desse mesmo grupo social como a misoginia, a transfobia e o machismo. Pode ser divergente e perigoso o conceito de buscar representatividade de uma comunidade e corroborar com algumas linhas de opressões dentro deste grupo, porém muitos fatores são levados em conta quando tratamos sobre o assunto. Quanto menores forem as diferenças que assolam os corpos com a norma do opressor, mais fácil a passabilidade social, ou seja, quanto mais você se iguala ao padrão normativo em questões de gênero e sexualidade, maiores serão as chances de sobrevivência dentro daquele espaço, principalmente se ele for cultural, pois espaços como os museus foram criados para servir e abrigar corpos específicos, não só os museus, mas a sociedade como um todo. A título de exemplo: conseguimos dar representatividade para cantoras drags porém artistas no meio musical trans não recebem o mesmo apoio tanto das gravadoras quanto do público.

Essas exclusões de corpos são advindas também de como são feitas as construções técnicas desses lugares, sejam eles dentro de museus ou de órgãos que servem para proteger e preservar os patrimônios, no caso específico deste trabalho os detentores de poder estão em cargos dentro de instituições museológicas tradicionais, não sendo comum a presença de corpos dissidentes. Trago para adensar essa reflexão, as palavras de Paul Preciado “... as

políticas das multidões queer se opõem tanto às instituições políticas tradicionais que se apresentam com soberanas e universalmente representativas, como às epistemologias sexopolíticas heterocentradas que dominam ainda a produção da ciência” (Preciado, pg.7, 2011). Quando são representadas passam pela higienização de corpo, raça e classe social, sendo assim, a escolha muitas vezes é por homens cisgêneros, brancos, de classe alta e que apesar de serem gays, performam uma masculinidade heteronormativa na qual muitas das vezes não se reconhece o poder de privilégio dentro destas instituições; aqui me aproprio de uma frase do Jean Baptista feita no projeto #MusaTemas da Universidade Lusófona: “a comunidade ou do pink money é exclusiva aos gays brancos de grandes centros urbanos, fora isso, o que resta é a sobrevivência” (Boita, 2020. Pg. 109).

Ao trabalharmos com questões de gênero e sexualidade em espaços culturais, devemos ter um cuidado para não se apropriar de armadilhas feitas pela heteronormatividade opressora, que pode ser um dos grandes pontos para entendermos e justificar a desorganização política na comunidade LGBT como produtora de arte e representação em espaços culturais. A construção da sigla LGBT desde a sua criação até os dias atuais com as suas atualizações, tem grande importância para as políticas públicas. Porém equívocos nessas lutas por representação são as generalizações do significado da sigla, Paul Preciado (2011 pg.3) fala que:

Não se deve cair na armadilha da leitura liberal ou neo-conservadora de Foucault que levaria a conceber as multidões queer² como algo oposto às estratégias identitárias, tomando a multidão como uma acumulação de indivíduos soberanos e iguais perante a lei, sexualmente irreduzíveis, proprietários de seus corpos e que reivindicariam seu direito inalienável ao prazer.

De acordo com Preciado, não se pode colocar as multidões queer como algo linear nem poder ser lido como tal, fazendo isso se esconde e deslegitimam lutas de alguns corpos que compõem a comunidade. A sigla LGBT simplifica o pronunciamento de um grupo que se exige direitos. Sabemos que os corpos que compõem a sigla não são iguais e não passam pelos mesmos meios de exclusão, aqui não estou fazendo uma comparação de sofrimentos, porém há corpos dentro a sigla que sofrem ou sofreram mais violências em seus corpos.

² A sexopolítica não é apenas um lugar de poder, mas sobretudo o espaço de uma criação onde se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais... As minorias sexuais se convertem em multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão se torna queer. (Preciado, 2011 pg.3)

Dessa forma, essa pesquisa dialoga com as discussões e contribuições da Museologia LGBT, mas atenta-se aos perigos de homogeneização, apagamento e estereotipagem da diferença na diferença.

1.2 Intersecções na multidão

O conceito da interseccionalidade centra-se nas interações e nos indicadores sociais que moldam as experiências dos grupos minoritários. Ao examinar a nossa sociedade, podemos observar a presença de múltiplos sistemas de opressão interligados, tais como aqueles baseados na raça, classe social, capacidade física, localização geográfica, e muito mais. Estes sistemas demonstram que o racismo, o sexismo e as estruturas patriarcais estão interligados e perpetuam discriminação e a exclusão sob diversas formas contra indivíduos ou grupos.

Para que possamos compreender os vários efeitos destes sistemas opressivos sobre os indivíduos, é crucial reconhecer as distinções inerentes de gênero, cor da pele, idade, altura e outros fatores que existem entre nós. No entanto, é lamentável que muitos indivíduos ou grupos, apenas com base na sua afiliação a estas “categorias”, estejam sujeitos a uma multiplicidade de discriminações, preconceitos e opressões, incluindo, mas não limitado a classe, gênero, geração, raça/etnia, e orientação sexual.

Para Kimbelé Crenshaw, (2002, pg 177) coloca o conceito interseccionalidade é baseada em:

“... uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento”.

À primeira vista, o conceito de interseccionalidade pode parecer aplicar-se principalmente às mulheres. No entanto, torna-se evidente que estes sistemas estão intrinsecamente entrelaçados a todos os corpos e corpos, e que não podem ser separados. Aqui no Brasil a autora Carla Akotirene (2018, p. 19) define a relação entre os feminismos negros e interseccionalidade da seguinte maneira:

O Feminismo Negro dialoga concomitantemente entre/com as encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo. O letramento produzido neste campo discursivo precisa ser aprendido por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer e Intersexos (LGBTQI), pessoas deficientes, indígenas, religiosos do candomblé e trabalhadores.

Na prática, é crucial abordar esta interseccionalidade de forma que as categorias não sejam apenas abrangentes, mas também proporcionem visibilidade e reconhecimento aos indivíduos que incorporam múltiplas características. Para mostrar verdadeiramente a diversidade da comunidade LGBT, é vital reconhecer não apenas a variedade de sexualidades, mas também a presença de pessoas negras, indígenas, pobres, idosas e com deficiência, assim com o movimento de transfeministas (Peçanha, Monteiro, De Jesus, 2023, p. 101) vem fazendo, na qual entende o corpo trans como um grupo amplo, porém total e que uma das soluções seja a união.

O Transfeminismo, linha de pensamento e ação feminista protagonizada por todas as pessoas trans, também abarca as masculinidades trans, que têm muito a ensinar aos modelos tóxicos de masculinidade que falsamente se colocam como os únicos possíveis para os homens. Mais do que um mero embate de palavras, este debate se refere à autonomia dos homens trans, pessoas transmasculinas, não-binárias e intersexo que menstruam sobre os seus próprios corpos, tendo impacto concreto no seu acesso a políticas de saúde pública e privada e até mesmo o direito à vida, o que, esperamos, evidencie na cena pública a relevância desse debate, que impacta corpos para além/aquém dos cisgêneros. Os homens cis não são os únicos homens, como as mulheres cis não resumem a complexidade das feminilidades, aliás, pessoa alguma pode ser restringida a funções de seu organismo.

Como exemplo dessa diferença na diferença que atravessa a comunidade LGBT, trarei algumas reflexões sobre as pessoas com deficiência. Como essa comunidade acolhe suas diferenças? Quando se trata de pessoa com deficiência, não é diferente, a comunidade PcD enfrenta várias questões que a silencia e a aparta da sociedade de um corpo sexualizado, um corpo pertencente ao prazer. Pensar que pessoas com deficiência não tem uma vida sexual ativa é muito mais comum do que se possa imaginar, pois no imaginário que foi criado sobre esses corpos são de pessoas não detentoras de prazer e frágeis. O ativista Pedro Fernandes em uma entrevista para o site da Unesp (Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”), fala sobre as questões de corpos e corpas LGBT na construção do imaginário e na representatividade da comunidade LGBT PcD, ele diz que “e do próprio movimento LBGT ser anti capacitista” (Fernandes, 2021). Porém, eu que sou da comunidade e estou inserido dentro desse contexto, refuto essa imagem de que a comunidade é unida, poderia, mas não é.

A interseccionalidade que cerca a comunidades LGBT e os indivíduos com deficiência tem pontos que coincidem. Ambos partem de um negacionismo social de sua existência, não é incomum encontrar casos em que um grupo minoritário não reconhece as lutas do outro e, portanto, não defende a sua visibilidade, acredito que as distinções e separações que acontecem nos grupos minoritários, são consequências de esferas de opressão a semelhança da opressão da hegemônica colabora com a: desvalorizando outras vivências, classificando quem é mais ou menos importante socialmente e quem deve ter direitos e isso faz com que pessoas se vejam obrigadas a lutarem entre si para que seja reconhecido, se limitando as antigas construções sociais que foram impostas na comunidade LGBT.

Pedro Fernandes observa que, em comparação, os indivíduos com deficiência ainda são em grande parte invisíveis. Pedro também defende uma “frente unida” entre as duas comunidades, pois ambos os grupos são percebidos pela sociedade como indivíduos que se desviam da norma e são submetidos à opressão – pessoas com deficiência enfrentam o capacitismo, enquanto indivíduos LGBT são excluídos e marginalizados por falta de reconhecimento e legitimidade. No final da entrevista, Fernandes (2021) afirma que:

“a gente precisa cada um puxar o barco do outro e encarar a luta do coletivo mesmo, não como uma luta individual de cada segmento (...) a gente sempre existiu, mas a gente ainda é invisibilizado dentro do próprio movimento LGBT, e dentro da comunidade heteronormativa mais ainda”.

Ao debruçarmos na comunidade LGBT com deficiência, dando uma ênfase na letra T, os silenciamentos são ainda maiores do que as demais letras da sigla, pois se destitui do corpo marginal a sua sexualidade, já que o corpo trans com deficiência pode ser um impedimento para sobrevivência nas ruas, as fazendo perecer como pedaços de carne expostas ao tempo, pois se para muitas mulheres trans e travestis a vida do sexo é seu modo de sobrevivência, pensar, ser ou ficar deficiente é uma tortura que pode ecoar todas as partes de seus corpos e que tem um preço muito alto, pois limita ainda mais o corpo e corpa trans a sobreviver.

No decorrer dos outros capítulos dessa pesquisa veremos que a acessibilidades de pessoas LGBT estão sendo levadas como de extrema importância nas conferências de acessibilidade, como o 6º Congresso Internacional Educação e Acessibilidade em Museus e Patrimônios que ocorreu em 2019, não só, mas conseguimos ver modelos já sendo utilizados para construções de intuições mais inclusivas como o MDS.

1.3. Lugar de enunciação: quem vos fala?

Antes de colocar luz sobre o meu objeto de estudo e me debruçar sobre as fissuras que existem no meio da cultura, é necessário para que as pessoas que irão trabalhar compreenda que essa construção parte de um olhar de um homem bigénero, gay, soropositivo, branco e de classe baixa. Apesar de entender o meu privilégio em questões de cisgeneridade e raça, ainda compartilho de dores que outras letras da sigla também são atravessadas, que destitui o nosso lugar no mundo como ser pensante e como indivíduo dotado de vontades e direitos.

Essa pesquisa utilizo como ferramenta para que possa servir de reflexão e problematização de que abarquem questões voltadas à cultura LGBT, sabendo o meu limite como pesquisador e como corpo dentro desse jogo na qual a sociedade nos obriga a jogar, no quem vale mais. E aqui me coloco como pesquisador, mas como futuro museólogo, sobre os perigos de utilizar de ferramentas que a heteronormatividade utiliza para a segregação, não é necessário você ser uma pessoa trans para compreender as vivências dela e lutar ao lado dela.

CAPÍTULO 2. MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL

Lutas por lugares de memória

O Museu da Diversidade Sexual (MDS) nasce de uma demanda social a partir da ausência de políticas e da grande violência contra os corpos LGBT, mas da necessidade de reflorestar o entendimento dessa comunidade pelas demais camadas sociais, de sua importância enquanto fundamento de representatividade, transformação social, educação e promoção de uma cultura em direitos humanos e respeito a diversidade. O Museu da Diversidade Sexual está localizado na Estação República do Metrô, em São Paulo – Brasil.

Antes de debruçar nas qualidades do museu, devemos voltar um pouco no tempo para entendermos como ele é construído. A ideia de desenvolver um espaço de representação de corpos dissidentes se dá nos anos 1990, a partir de um grupo de ativistas que entendia o local no qual foram colocados não só socialmente, mas também culturalmente e que colaboram com a primeira parada LGBT da cidade, que viria acontecer em 1997 (Reinaudo; Gimenes, 2019). A maioria havia sobrevivido aos tempos sombrios da ditadura e à epidemia da Aids, que levou milhares de pessoas gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais em todo mundo, sendo assim (Reinaudo; Gimenes. 2019. Pág. 65):

(...) homossexuais e as pessoas trans morriam sem cuidados médicos e sem apoio da família, que aparecia somente nos pós-morte, para demandar os bens da vítima. O que não interessava, como documentos, fotografias, entre outros objetos ligados à sua orientação sexual ou identidade de gênero eram descartados, perdendo-se a memória, histórias e lembranças dessa pessoa LGBT.

Esses fatos foram responsáveis não só por diminuir e excluir pessoas que fugiam da norma hegemônica, mas também serviu como forma de inferiorizar essas camadas sociais às fazendo pensar que seus corpos não eram passíveis de direito, memória e nem representação. Mas como já sabiam os idealizadores do museu, não seria fácil construir um espaço de memória voltada para a comunidade LGBT, a ideia foi dada nos anos 90, porém só 15 anos mais tarde é apresentado um projeto que retirou essa ideia do papel e passa para a materialização desse espaço.

No começo não foi dado ao museu o nome que tem hoje, mesmo com essa “evolução” de permitirem um local de representatividade e memória LGBT, a ignorância e os preconceitos sobre a comunidade, ainda latentes, não entendem a necessidade de ligar a comunidade a um

espaço hegemônico que é o museu, então a comunidade só consegue matematizar esse espaço como “Centro de Cultura Memória e estudos da Diversidade Sexual”.

Dessa forma, a instituição, que até então não é museu, junta a experiência de pessoas LGBT e as violências sofridas em seus corpos, possibilitando a transferência de estratégias para sobreviver dentro de uma sociedade opressora, assim como pessoas trans e travestis impõe seus nomes sociais para que sejam respeitadas.

Em fevereiro 2011, um grupo que atuou em muitas batalhas contra o ódio e o preconceito sobre a comunidade, que eram ativistas reconhecidos pela comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, por atuar no campo da cultura, se reuniu com a Assessoria de Cultura para Gêneros e Etnias – ACGE, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, voltando com o desejo de uma construção de um espaço (Museu) voltado para a memória e arte da população LGBT (Reinaudo; Gimenes. 2019). Em 2012 é inaugurado o museu, em um espaço marcado por memória traumática. Não obstante, a comunidade LGBT estava lutando pelos mais simples direitos, mas para essa comunidade a idealização e a edificação desse espaço significa muito mais do que memória, representação, identidade em um espaço cultural, é sobre o direito à vida.

Assim o Centro de Cultura Memória e Estudos da Diversidade Sexual, passa ser chamado por todos os que o frequentam e idealizadores como Museu da Diversidade Sexual. Mas só em 2018 por meio de um decreto a instituição ganha o nome de Museu da Diversidade Sexual e é colocado dentro da área de Preservação do Patrimônio Museológico da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo.

Um local criado para a construção de respeito à memória LGBT no Brasil. Reinaudo e Gimenes (2019. Pág. 68) afirmam que:

Naquele momento havia no mundo apenas duas referências de Museus voltados a preservação da história da comunidade LGBT, o recém-inaugurado LGBT Historical Society Museum (Janeiro de 2011) na cidade de São Francisco nos Estados Unidos, e Schwules Museum (1985), na cidade de Berlim na Alemanha, ambos situados em locais reconhecidamente ligados a comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Em São Paulo as referências históricas apontavam para o centro da cidade, mais precisamente a Praça da República e suas imediações. Desde os anos 40 existem relatos da presença de pessoas LGBT e a partir dos anos 70 tornou-se ponto de encontro com bares, baladas e casas de show que eram frequentados pela comunidade.

Queria poder dizer que a sociedade aceitou e apoiou as lutas pelos direitos LGBT, porém isso é um sonho utópico até os dias de hoje. Com o aumento da concentração de pessoas LGBT nas mediações da República a sociedade deu sinal que não estava pronta para abraçar as causas de gênero e sexualidade. A escolha do local como um ponto de representação da memória, veio depois de um episódio de LGBTfobia.

Na madrugada do dia 6 de fevereiro de 2000, Edson Nérís da Silva e Dario Pereira Netto (um casal gay), foram surpreendidos por um grupo de jovens de cabeça raspada que chegaram efetuando chutes e pauladas. Dario conseguiu fugir da maioria das agressões, mas Edson não, ele foi espancado até quase a morte, Dario ficou escondido vendo a barbárie que era cometida contra seu companheiro, porém nada poderia ser feito, depois que o grupo dispersou Dario voltou para socorrer Edson, porém ele morreu em seus braços devido hemorragia. Pouco tempo depois uma turma de 30 skinheads, foram presos, eles portavam soco inglês e correntes de aço num bar nas imediações.

Os carecas do ABC, como é conhecida a organização da qual os rapazes faziam parte, compõem um movimento não tão antigo no Brasil, criado nos anos 80, quando membros desse circo de horror e crueldade pregavam para “dar mais dignidade para o povo brasileiro”. Com uma maioria de cristãos, defensores da “tradicional família brasileira”, os carecas despertam uma imagem de moralista. Muitos trabalham em empresas de segurança. Um ex-integrante desse movimento, cedeu uma entrevista ao jornal ISTOÉ (2000) na qual ele evidencia como o grupo era e como a “sociedade de bem” era conivente com suas ações, cita que: “Quanto mais reagir, mais apanha (...) A PM sabe quem bate, mas é conivente.”

Devido a barbárie cometida pelos agentes “de bem” da sociedade e dos “bons costumes”, militantes LGBT entenderam que aquele local deveria ter um ressignificado e no lugar de transformar um local de dor, transformar em um lugar de fomento de arte e luta contra a LGBTfobia. Isso ocorreria muitos anos depois, quando o Museu da Diversidade Sexual sai do papel e começa ocupar um espaço dentro da Estação República do Metrô, no qual se encontra até os dias de hoje.

Antes de nos adentrarmos no museu, devemos entender como é a acessibilidade do macro ambiente e como ele funciona, para que o público possa se sentir pertencente àquele local. Por estar localizado dentro de uma estação de metrô, o MDS oferece uma boa acessibilidade ao público. Uma das maiores questões quando trabalhamos com museus é esse

apartamento da população com as instituições, que teve sua origem lá nos gabinetes de curiosidades³ e que ainda ocorre até os dias atuais, não da forma explícita quanto no século XVII, porém de formas camufladas.

Pensando nesse macroambiente, ou seja, no de fora para dentro, a construção da possibilidade do MDS perpassa por três esferas que transformam o museu em um local inclusivo. A primeira esfera que é trazida como uma revolução para esse museu é o seu livre acesso. O livre acesso dos conteúdos do museu rompe com a lógica do museu erudito que foi trabalhado no imaginário das pessoas e, assim, traz o público para mais perto o fazendo ter curiosidade e se sentir mais à vontade para fazer visitas.

Com essa ponte do público e o MDS, os autores Reinaldo e Gimenes (2019, p. 69) colocam essa experiência, como:

(...) com que o MDS seja um espaço de cultura e educação sobre a diversidade sexual sem barreiras, onde parte do seu público se reconheça ali, gerando um sentimento de pertencimento que faz com que o visitante se sinta como parte dessa trajetória ali exposta, se compreendendo e enxergando-se como sujeito daquele movimento, grupo e cultura que o Museu representa.

A segunda esfera a ser debatida aqui, a acessibilidade na parte de dentro do MDS segue também um plano de um local sem barreiras como escadas, catracas, rampas...fazendo com que seja um local acolhedor para pessoas com deficiências e o tornando um com uma facilidade de fluxo de visitantes. Essas duas esferas constroem uma ponte que liga o visitante com a instituição fora dos padrões convencionais que vem de encontro com a temática museu.

A implementação, institucionalização e incorporação do MDS pela Secretaria de Cultura reforça na sociedade, no estado de São Paulo e, olhando para o macro, no Brasil, a possibilidade de ocupação de espaços e de representação de memória, estremecendo as bases de um social hegemônico.

³ O Gabinete de Curiosidades foi um modelo antecessor do entendimento da palavra museu, um local criado nos séculos XVI e XVII, que tinha o objetivo de expor objetos dos três reinos considerados pela biologia na época: *animalia*, *vegetalia* e *mineralia*, além daqueles que eram produtos do trabalho humano. Esses locais eram mantidos pela realeza e ou ricos burgueses no qual se limitava o entendimento de cultura. (Nunes, Sabrina. 2021)

Com a ascensão do conservadorismo no clima político do país, o potencial de proeminência e visibilidade do MDS causou fricções e conflitos políticos, principalmente pelo fato de que a mudança para uma nova sede, na Avenida Paulista, que acabou não efetivada (Reinaudo, 2022). A tensão surge entre grupos que defendem os direitos humanos e extremistas reacionários que, sob o pretexto da moralidade cristã, criticam e atacam a diversidade sexual.

No ano de 2018, João Dória chegou ao poder aproveitando a onda conservadora liderada pelo então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro e a bancada religiosa. João Dória e o seu recém-nomeado Secretário da Cultura, Sérgio Sá Leitão, introduziram uma reversão das políticas culturais do estado, fazendo com que várias propostas foram engavetadas, claro que quando se trata de engavetamento de projetos a comunidade LGBT e pretas sempre serão as primeiras a serem cortadas. Também começaram a desagregar políticas afirmativas e inclusivas, como diziam as pessoas conservadoras “fazendo a limpa”, como o Programa de Ação Cultural, também conhecido como PROAC.

O estado de São Paulo sempre foi uma referência quando se trata de desenvolver construção de identidades afirmativas, não é à toa que a maior parada do orgulho LGBT ocorre na cidade, mas com o retrocesso no Governo Federal e Estadual, o MDS se viu em uma situação complicada para que pudesse se devolver, ainda mais.

Exposições de Corpas(os)

O Museu da Diversidade Sexual nesses 11 anos vem fazendo história na forma de acolher e representar a comunidade LGBT, principalmente a letra T que vem de uma desvalorização tanto no campo material como pertencimento dessas pessoas dentro de espaços semelhantes, mas também no campo da memória como forma de espelhamento. Fazendo uma análise no site do museu, em 31 exposições desenvolvidas pela intuição desde 2013 até 2023 entre mostras presenciais ou virtuais, 9 delas trouxeram como material expositivo, artístico ou intervenção, corpos e corpas de pessoas trans, na qual nos apresentam e representam como corpos pertencentes do templo das musas, no qual significa um local de cultivo e preservação da arte e da ciência.

Os dados utilizados para criar a tabela a seguir foram retirados do site da instituição (MDS, 2023), no qual estão dados de exposições que têm como foco principal a comunidade transexual e travesti.

1 - Tabela

Ano	Exposições
2013	O T da Questão
2013	Crisalidas
2017	2º Amostra Diversa
2019	Plural 24H
2019	Devassos no paraíso: Mostre a sua cara
2020	Queerentena
2021	Memória Para Autodefesa
2022	Dando Pinta no brasil Colônia
2022	Palomas

Logo após a sua inauguração, o MDS começou com toda sua força fomentar e construir um espaço de representação e memória, no primeiro ano foram abertas duas exposições que vão tratar as duas camadas sociais mais marginalizadas, que no caso são as pessoas trans e travestis. Em 20 de Janeiro de 2013 o museu abre o ano com a exposição “O T da questão” (figura 1 e 2), foi uma exposição fotográfica de Eduardo Moraes, na qual foram utilizadas fotos para capturar fragmentos do universo de travestis, transexuais e transgêneros pelo Estado de São Paulo, a mostra recebeu 9.792 visitantes até seu encerramento em 7 de abril de 2013, de acordo com o site. Não encontrei informações do Eduardo de Moares, isso infelizmente será recorrente nesse trabalho, pois existem fotógrafos e artistas que utilizam de nomes que são deles para assinar as suas obras e isso impede quando vou fazer uma busca em sites, pois nomes iguais e parecidos se repetem em pessoas diferentes.

Figura 1
Exposição “O T da Questão”



Fonte: Prefeitura de São Carlos⁴

Figura 2
Exposição “ O T da questão”



Fonte: site Tripadvisor⁵

⁴Disponível:<http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2013/164094-espaco-paco-realiza-a-exposicao-de-fotos-go-t-da-questaoq.html>

⁵Disponível:https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303631-d4377496-i112283066-Museu_da_Diversidade_Sexual-Sao_Paulo_State_of_Sao_Paulo.html

Meses depois ocorria em 30 de maio do mesmo ano a exposição “Crisálidas” (figura 4 e 5), no qual foram utilizadas 34 fotografias da Madalena Schwartz (1921-1993), composta por retratos de transformistas, travestis e personagens do teatro underground paulista, as fotografias também tinham um cunho político, já que muitas delas foram tiradas no regime militar, a exposição ficou aberta para o público até o dia 29 de setembro de 2013 e contou com 15.873 visitantes (MDS, 2013).

Nascida em Budapeste em 9 de outubro de 1921, Madalena Schwartz (figura 3) foi uma fotógrafa brasileira nascida na Hungria. Foi membro destacado do Foto Cinema Clube Bandeirante e da renomada Escola Paulista. A paixão de Madalena Schwartz pela fotografia e sua participação nesses grupos influentes solidificaram seu lugar na história da fotografia brasileira. Considerada "a figura iminente do retrato de nossa nação" pelo fotógrafo brasileiro Pedro Karp Vásquez, Madalena ganhou reconhecimento na década de 1970 em São Paulo por suas representações de artistas transformistas, andrógenos e travestis. Entre seus temas estavam personalidades renomadas como Ney Matogrosso e integrantes do conceituado conjunto de teatro e dança Dzi Croquettes.

Figura 3
Madalena Schwartz



Fonte: Jornal da USP⁶

⁶Disponível:<https://jornal.usp.br/cultura/madalena-schwartz-fazia-do-ato-fotografico-um-gesto-existencial-e-politico/>

Figura 4
Exposição Crisálidas



Fonte: PHOMAG – Revista Online do IIF⁷

Figura 5
Exposição Crisálidas



Fonte: Guia da Semana⁸

⁷ Disponível: <https://www.iif.com.br/photomag/exposicao-crisalidas-de-madalena-schwartz/>

⁸ Disponível: <https://www.guiadasemana.com.br/sao-paulo/na-cidade/evento/crisalidas-estacao-republica-do-metro-31-05-2013>

Após as exposições de 2013, demorou quatro anos para a realização de uma nova exposição que tivesse como foco a temática trans. Então, em 13 de maio de 2017 ocorreu a 2ª Mostra Diversa (figura 6 e 7), que contou com a inscrição de 70 projetos no qual escolheram apenas 17 artistas para a exposição, que dialogava com as questões da atualidade, como diversidade, sexualidade e gênero. O subtítulo dessa exposição “Expressões de gênero, identidades e expressões” dialoga com o questionamento do binarismo de gênero, a discriminação e violência sofrida pela população LGBT, a transexualidade, a montagem e o questionamento dos padrões excludentes da sexualidade. A mostra contava com obras de Rafael Roncato e Laerte Coutinho (MDS, 2017).

Laerte Coutinho (Figura 8) é uma mulher trans, nascida em São Paulo, Brasil, em 1951. É uma renomada cartunista, ilustradora e roteirista, amplamente reconhecida como uma das cartunistas mais importantes do Brasil, tendo criado personagens icônicos como Piratas do Tietê, Hugo Baracchini e Overman. Através de seu trabalho, Laerte investiga aspectos profundos da experiência humana, usando uma mistura de humor sofisticado e afiado

Ocorreu uma Amostra Diversa anterior a essa em 2015, porém não foi possível acessar a informação acerca da participação das pessoas trans na referida mostra.

Figura 6
Exposição II 2ª Amostra Diversa



Fonte: Museu da Diversidade Sexual⁹

⁹ Disponível: <https://museudadiversidadesexual.org.br/programacao-2017>

Figura 7
Exposição II 2º Amostra Diversa



Fonte: Tripadvisor¹⁰

Figura 8
Laerte Coutinho



Fonte: Site Grupo Companhia das Letras¹¹

¹⁰Disponível: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303631-d4377496-i112283120-Museu_da_Diversidade_Sexual-Sao_Paulo_State_of_Sao_Paulo.html

¹¹ Disponível: <https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/00797/laerte>

No dia 24 de janeiro de 2019 é aberta então uma nova exposição com a temática trans, “Plural 24 H” (figura 9 e 10), exposição do Museu da Diversidade Sexual que aborda aspectos cotidianos da vida das pessoas LGBTI+ Coletiva, exibindo trabalhos de 12 artistas, entre fotografias e desenhos. A exposição conta com o retrato de Carolina Carettin que gira em torno do ambiente de trabalho vivido por um homem transgênero; Iano Coimbra proporciona um vislumbre dos bastidores, apresentando cenas e performances da vida noturna LGBT em Santa Clara, localizada no coração de Cuba; Maidel, por meio de desenhos, narra o processo passo a passo de construção de sua própria forma física; Melina Rezende convida os espectadores para os confins íntimos de um quarto de motel, enquanto Bárbara Cunha mergulha na estética do fetichismo. Rosa Luz explora a marginalização contínua de indivíduos trans em nossa sociedade através do uso da fotografia em preto e branco, enquanto Cleiton de Paula documenta o movimento Revolta da Lâmpada, que surgiu como resposta a um incidente de 2010 na Avenida Paulista, onde um jovem foi atacado com uma lâmpada, usando fotografias em preto e branco para capturar a essência do conceito de "fervo como protesto" do movimento.

Com colaboração do Governo do Estado de São Paulo e Associação Paulistas dos Amigos da Arte (APAA), a exposição é responsável por retratar as mais diversas ações e situações presentes nesse universo: a vida de trabalho – do formal às apresentações em casas noturnas –, a construção do próprio corpo e a relação com o corpo do outro, o preconceito e a reação em forma de empoderamento, entre outros (MDS, 2019).

Figura 9
Exposição Plural 24 H



Fonte: site do governo de São de Paulo¹²

¹²Disponível:<https://www.cultura.sp.gov.br/plural-24h-e-a-nova-exposicao-do-museu-da-diversidade-sexual/>

Figura 10
Exposição Plural 24 H



Fonte: Câmara de Comércio e Turismo LGBT do Brasil¹³

Dia 8 junho de 2019 era lançada a exposição “Devassas do Paraíso: O Brasil mostra sua cara” (figura 11 e 12), com inspiração no livro “Devassos no Paraíso”, de João Silvério Trevisan, publicado originalmente em 1986. A exposição é trazida novamente em uma parceria do Governo do Estado de São Paulo e APAA. A exposição trata de um aprofundamento na pesquisa e na obra de João Silvério Trevisan, se utilizando de diversas formas de recursos visuais, incluindo documentos, artigos de imprensa, depoimentos em vídeo e ilustrações de nomes como Laerte e Paulo Von Poser. Semelhante ao livro de João Silvério, a exposição traça o desenvolvimento das expressões de gênero e da sexualidade no Brasil, trazendo a comunidade LGBT. A viagem nos leva pela vida dos povos indígenas, escravizados, imigrantes e figuras icônicas como Carmen Miranda, Madame Satã e Daniela Mercury. Também investiga as experiências de travestis brasileiras que ganharam a vida na Europa e a perseguição e violência que enfrentam em seu território brasileiro (MDS, 2019) a exposição faz o recorte e apresenta e representa as especificidades da comunidade LGBT.

A exposição também destaca o tratamento das sexualidades não convencionais como uma questão de saúde mental, fundamentalismo religioso e o ativismo como resistência.

¹³Disponível:<https://camaralgbt.com.br/exposicao-plural-24h-segue-em-cartaz-no-museu-da-diversidade-sexual-em-sp/>

Explora numerosos indivíduos, costumes e eventos que contribuíram positiva e negativamente para a composição do nosso país.

Figura 11
Exposição Devassos no Paraíso



Fonte: Canaltech¹⁴

Figura 12
Exposição Devassos no Paraíso



Fonte: Museu da Diversidade Sexual¹⁵

¹⁴Disponível:<https://canaltech.com.br/arte/museu-da-diversidade-sexual-abraca-tecnologia-e-inova-com-guia-robo-158367/>

¹⁵ Disponível:https://www.instagram.com/p/B24FSThHTpO/?img_index=3

As exposições Queerentena (figura 13), são divididas em duas partes, inspira e expira, e aconteceram de forma digital no ano de 2020. A Queerentena - Inspira, abre com as obras que apresentam inquietude sobre o olhar em pensar para o momento de reclusão da Covid-1, porém não consegui dados suficientes que comprovam que existam mais pessoas trans na exposição. Na segunda parte da exposição, Queerentena – Expira, emergem impressões e provocações criadas sobre o mundo, agora, “lá fora” a partir de observações pessoais e/ou relatos recebidos. O que são esses novos modos de relações sociais? Isolamento é um novo lugar de privilegiados? Em quais condições podemos nos isolar? Como nosso corpo trancado reage ao que está fora? Não é possível pensar sobre si sem pensar a outro(a) ou outros(as); assim como é inviável respirar sem inspirar e expirar e vice-versa (MDS, 2020). Cheo Gonzáles é um artista plástico, gay, chileno radicado no Brasil, um dos artistas escolhidos para expor as suas obras na exposição virtual, na qual se baseia as suas obras no relato de uma amiga trans, na qual ela transcorre sobre seu permanente estado de isolamento.

Figura 13
Exposição Queerentena



Fonte: Site UOL¹⁶

¹⁶Disponível:<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/11/museu-da-diversidade-sexual-tera-1-exposicao-virtual-veja-outras-opcoes.htm>

A exposição Memória para Autodefesa (2021), (figura 14) foi uma parceria com a linha Cultura do Metrô, através da exposição são apresentadas as histórias de onze mulheres brasileiras, lançando luz sobre suas lutas contra o patriarcado profundamente arraigado, que perpetua índices alarmantes de violência contra as mulheres. “Memória para Autodefesa” serve como um testemunho poderoso da resiliência destas mulheres, à medida que navegam entre o passado e o presente para moldar o futuro que aspiramos. Esta exposição serve como um lembrete para usarmos as nossas memórias como uma ferramenta para honrar as nossas próprias narrativas e as das nossas irmãs. A legítima defesa é resultado de uma ruptura na subjetivação que é causada pela condição da mulher, de seus corpos, de suas histórias e de sua interseccionalidade no Brasil. Na exposição, o punho levantado é representado de várias formas, simbolizando a criação de uma sociedade onde as mulheres se apoiam e defendem umas às outras, unidas na sua luta pela justiça social e pela proteção dos Direitos Humanos (Agência de Notícias da Aids, 2021).

Figura 14
Exposição Memória para Autodefesa



Fonte: Google Arts & Culture¹⁷

A exposição conta com Paula Beatriz de Souza Cruz (figura 15) que é a primeira diretora trans de escola pública em São Paulo, na qual é uma precursora na luta pelo uso do nome social de estudantes e pela garantia da diversidade da educação formal. Por sua vez, Luana Muniz (1961-2017) (figura 16) é responsável pelo bordão “travesti não é bagunça”, além de ser um dos grandes ícones da comunidade, ela é responsável auxiliar e acolher pessoas em situação de

¹⁷ Disponível: <https://artsandculture.google.com/story/DwUR51SNPWHHfA?hl=pt-BR>

vulnerabilidade social portadoras de HIV-Aids, além de jovens travestis. Leandrinha Du Art (figura 16) midiática, escritora e ativista é dedicada às causas das pessoas com deficiência e da comunidade LGBTQIA+ e está também na exposição Leandrinha (figura 17) emprega a interseccionalidade como forma de começar a abordar o capacitismo e outras violências (Google Arts & Cultura)

Figura 15 – Paula Beatriz de Souza Cruz



Fonte: Site Secretaria da Educação¹⁸

Figura 16 – Luana Muniz



Fonte: Site Midia News¹⁹

¹⁸Disponível:<https://www.educacao.sp.gov.br/conheca-paula-beatriz-a-primeira-diretora-trans-da-rede-estadual-de-ensino/>

¹⁹Disponível:<https://www.midianews.com.br/variedades/luana-muniz-conta-os-bastidores-do-encontro-com-o-padre-fabio-de-melo/250202>

Figura 17 – Leandrinha Du Art



Fonte: Site G1²⁰

Brunna Valin (1975-2020), (figura 18) Foi co-fundadora da Associação de Travestis e Transexuais do Interior, vice-presidenta do Conselho Municipal de Saúde e representante do Estado de São Paulo na Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil. Não podemos deixar de colocar a Laura Vermont (1997-2015), que teve seu destino atrelado a selvageria e a monstrosidade na qual corpos de pessoas trans são forçadas a enfrentar. Moradora da Zona Leste de São Paulo, Laura teve seu futuro interrompido, aos 18 anos, vítima de um crime de transfobia, sendo assassinada por policiais em São Paulo. Em 2016, foi inaugurado o Centro de Cidadania LGBT Laura Vermont, em sua homenagem, na região de São Miguel Paulista (Google Arts & Culture). Devido à grande brutalidade do acontecimento como Laura, não irei colocar imagens.

²⁰Disponível:<https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2023/10/27/quem-e-leandrinha-du-art-influencer-trans-e-pcd-que-viralizou-com-pedido-de-namoro-romantico.ghtml>

Figura 18 – Brunna Valin



Fonte: Site Guia Gay São Paulo²¹

A exposição *Dando Pinta no Brasil Colônia* (figura 19) de Amara Moira presta homenagem à bravura demonstrada por indivíduos que, naquela época, conseguiram abrir espaço para a sua existência apesar das forças opressoras da Inquisição e da perseguição portuguesa. Ao fazer a curadoria de uma coleção de diversos materiais, como registros, documentos, cartas e relatórios, a exposição revela a infinidade de métodos de censura e atos de violência que prevaleciam. As confissões e queixas apresentadas à Santa Inquisição servem como um recurso crucial para reconstruir a presença da comunidade LGBT durante os primeiros estágios da colonização do Brasil (Diário Carioca, 2022).

²¹Disponível:<https://www.guiagaysaopaulo.com.br/noticias/cidadania/morre-brunna-valin-ativista-trans-e-da-causa-de-hiv-aids>

Figura 19 – Exposição Dando Pinta no Brasil Colônia

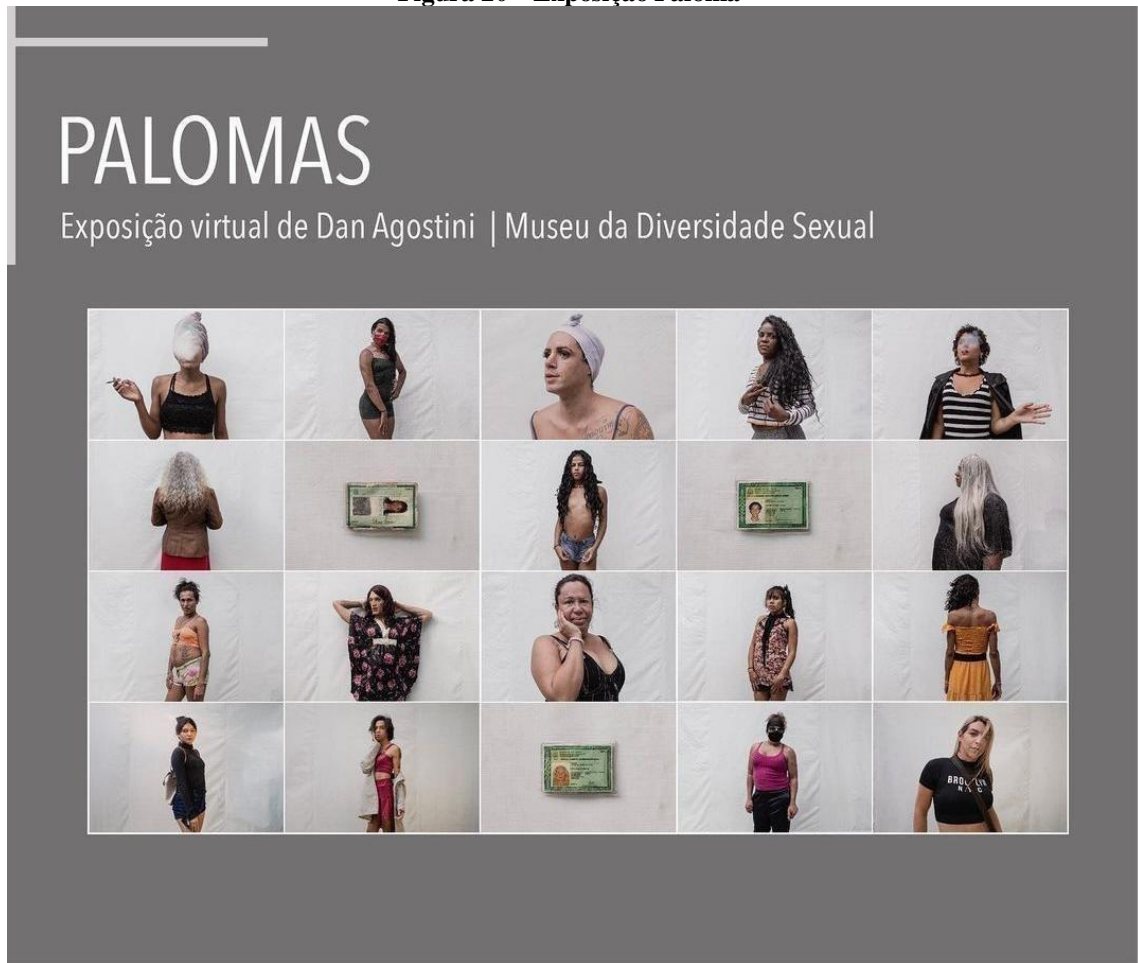


Fonte: Jornal Estado de Minas²²

Através da exposição "Palomas" (2022), (figura 20) o artista Dan Agostini busca retratar a jornada rumo à autonomia das mulheres transexuais, apresentando um panorama narrativo-sinestésico- visual que lança luz sobre as violações passadas de suas identidades, ao mesmo tempo que oferece vislumbres do futuro que elas estão ativamente construindo. Esta experiência imersiva incorpora vídeos, fotografias e gravações de áudio que capturam suas perspectivas únicas sobre a vida, a família e a transexualidade. Entre as mulheres que corajosamente compartilharam suas experiências de violência, prostituição, desamparo, prisão, sonhos e coragem, uma delas atende pelo nome de Paloma (@Museudadiversidadese sexual, 2022).

²²Disponível: https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2023/01/04/noticia-diversidade,1440673/exposicao-apresenta-memoria-lgbtqia-do-brasil-colonia-ate-os-dias-atuais.shtml#google_vignette

Figura 20 – Exposição Paloma



Fonte: Instagram Museu da Diversidade²³

2.3 Problematizações de memória

Como podemos ver as ações do MDS com a comunidade trans e travesti vem sendo criada dentro de uma visão sobre o conceito de oferecer dignidade como comunidade. Então onde estaria a falha? A representatividade no MDS tem suas imprecisões, as quais faz com que a letra T seja mostrada de uma forma pontual e/ou superficial, dentro das exposições e atividades da instituição. Falamos muito sobre corpos de mulheres trans e travestis como corpos marginalizados, porém quando olhamos para o corpo transmasculino, esse é ainda menos

²³ Disponível: <https://www.instagram.com/museudadiversidadesexual/p/CmrqgeXJUEU/>

presente/ representado. O corpo transmasculino é apartado da sociedade como um bicho híbrido, metade algo e metade outra coisa, pois o sistema de binaridade da genitália sempre estará ali como uma arma para ferir e deslegitimar esse corpo, mas não da mesma forma que corpos de mulheres trans e travestis.

Entender as linguagens de gênero, principalmente quando se trata de gênero marginal, se torna uma das questões mais importantes e sensíveis para uma discussão dentro das intuições de museus. Pois mesmo que a terminologia trans ou travesti seja usada há muito tempo em ambientes sociais, só agora conseguimos fazer com que os ambientes acadêmicos e culturais começaram a enxergar esses corpos como produtores culturais.

Ao longo das exposições citadas no tópico 2.1, só a exposição Plural contém explicitamente conteúdo artístico de homens trans, isso é um problema? Não necessariamente, porém ela pode ser lida como uma falha na construção de representatividade da memória da comunidade LGBT, principalmente na memória da letra T da sigla, já que corrobora a propagação de uma invisibilidade para outros corpos.

As narrativas de homens trans são desenhadas muitas vezes por um viés da binaridade de gênero na qual coloca no corpo do homem um apelo conservador cristão na sua genitália, pois é órgão reprodutor masculino que é incumbido de dar a vida. Guilherme Almeida (2012 p.519) afirma que:

Há restrições a quem decide produzir conhecimento sobre 'homens trans' no Brasil. A primeira delas é a pouca visibilidade. A maior parte da sociedade não considera a possibilidade de transição do gênero feminino ao masculino e, portanto, ignora a própria condição FTM²⁴. Isso ocorre em grande medida em razão do olhar falocêntrico que impregna as representações sobre a experiência masculina. Nesse sentido, é como se os comportamentos e os significados considerados masculinos emanassem necessariamente da presença material original do pênis. Tais representações tornam-se evidentes quando muitas pessoas, na presença de homens trans - especialmente dos que dispõem de corpos peludos e musculosos e não fizeram faloplastia -, manifestam extrema perplexidade, como se esses contrariassem toda a lógica e é comum que em seguida utilizem expressões, tais como "como pode ser tão perfeito?".

O autor defende também a ideia da passabilidade social, que é uma consequência da transição do corpo feminino em masculino, que com a terapia hormonal, com a testosterona, no caso de homens trans, faz com que se tornem mais próximos fisicamente dentro das

²⁴ Sigla em inglês utilizada pelos próprios transexuais e na literatura médica para designar o que tenho chamado de 'homens trans'. Literalmente significa female-to-male, feminino para masculino.

expectativas sociais do que deve parecer um “homem de verdade”, hoje esse termo ganha um ajuste de nome como masculinidade hegemônica e essa performance do que é entendido como homem também contribui para uma invisibilidade social.

Porém ter uma maior passabilidade não significa que esse corpo não passe por violências, as dores que permeiam os corpos transmaculinos são tão latentes dos que os corpos de mulheres trans. No artigo “Transfeminismo das transmasculinidades: Diálogos sobre direitos sexuais e reprodutivos de homens trans brasileiros” (Peçanha, Jesus, Monteiro. 2023. Pg 96) fala um pouco dessas violências que a sociedade impõe sobre as transmaculinas.

(...) é uma epistemologia centrada no panorama transmasculino em relação a direitos civis e cidadania, saúde de homens trans e transmasculinos no geral, direitos sexuais e reprodutivos de homens trans e transmasculinos além de demandas que dizem respeito a violência que as transmasculinidades podem passar, as lacunas e não lugares e as discussões sociais sobre relacionamentos que envolvem homens trans e transmasculinos.

Giseli Cristina dos Passos e Lindamir Saete Casagrande em um artigo sobre a invisibilidade de homens trans na educação, colabora com a visão de Guilherme Almeida sobre a comunidade trans masculina, reiterando que os estudos sobre gênero e sexualidade deixaram de lado os assuntos transgenitalização masculina e transmasculinas e com isso gerando impactos na construção não só de memória, mas também no campo da representatividade de homens trans, pois sem a memória não se gera representação. Passos e Casagrande (2018 pg. 64), afirmam que:

Talvez seja o fato de os homens (trans) ainda sofrerem com a angústia de serem tantas vezes consideradas lésbicas masculinizadas, mesmo reivindicando o reconhecimento como membros do gênero com o qual se identificam e com o qual estariam em discordância com as suas genitálias.

Essa idealização de ver um homem trans como uma lésbica masculinizada gera camadas de consequências por dois vieses, uma delas e o estupro, esse tipo de violência e utilizado como uma espécie de corretivo sexual, no qual não só homens trans, mas algumas mulheres lésbicas masculinizadas passam por essa violência por meio da mesma espécie de origem de problemáticas. As pessoas autoras (Peçanha, Jesus, Monteiro. 2023. Pg 99-100) falam que:

Homens trans podem ser vítimas de violência sexual, como o estupro corretivo. O estupro corretivo caracteriza-se como a violência que visa “corrigir” a sexualidade ou a identidade de gênero da vítima. O agressor pune a vítima por se opor a cisheteronormatividade. Através do sexo forçado ele busca “concertar” a conduta da pessoa que é considerada desviante. (...) uma vez que ao construir suas masculinidades em um corpo que pode ser visto socialmente como feminino, estão

sujeitos a serem estuprados para que “concertem” sua identidade de gênero e voltem a ser “mulheres de verdade”.

A saúde pública também está no centro das discussões sobre homens trans, pois não permite aos corpos transmasculinos ter direitos reprodutivos. A negação em questão afeta principalmente o bem-estar físico e mental, no que se refere à saúde. Homens trans que engravidam podem enfrentar um risco aumentado de ideação suicida devido a cuidados pré-natais inadequados e à falta de políticas públicas de apoio. Além disso, estão sujeitos à violência institucional e podem ser vítimas de violência obstétrica, que abrange abusos físicos e psicológicos infligidos por profissionais de saúde durante a gravidez e o parto. É importante reconhecer que os homens trans não estão isentos destas formas de maus-tratos (Peçanha, Jesus, Monteiro, 2023. Pg 99).

Para que não caiamos nas armadilhas cisgeneridade e da heteronormatividade, bem como para que não transformemos a comunidade LGBT em um campo de batalha, compreender as falhas existentes na esfera da representação de memória não significa inviabilizar as demais demandas, ao contrário, é sobre compreender que aquilo que vemos hoje é simplesmente a ponta de um iceberg e que, como comunidade, somos responsáveis por aparar arestas que são criadas para que não sirvam de munição para uma bancada conservadora. É sobre valorizar as ações e conquistas até os dias atuais, mas também reconhecer que ainda existem ausências e nós, como movimento e comunidade, possamos preencher esses espaços. Mas reparar não é negligenciar uma outra parte da comunidade, entender que mulheres trans e travestis (sobretudo, as negras) representam o topo da violência é indispensável, até mesmo para entendermos a invisibilidade de homens trans.

Alguns movimentos feministas reconhecem corpos de mulheres trans como aliadas à causa, existem vários eixos do movimento e assim como a comunidade não pode ser lida como algo de ideal único. Ao ser entrevistada para um artigo, Megg Rayara Gomes de Oliveira (2021, pg 13), fala que:

A conquista dessas pesquisadoras, celebrada por boa parte da academia, fez, no entanto, que algumas pesquisadoras e alguns pesquisadores de gênero produzissem ataques contra elas, justamente por conta do deslocamento que elas vêm produzindo. Ou seja, até recentemente, pesquisadoras e pesquisadores cisgêneros dominavam todos os espaços nos estudos de gênero e, agora, se veem diante de pessoas que até então eram tratadas como “objetos” de estudos, disputando narrativas e produzindo epistemologias. Essa situação tem gerado enfrentamentos acalorados, revelando a postura transfóbica de estudiosas/os que sempre pesquisaram pessoas trans, mas não querem dividir o espaço acadêmico com elas.

Preciado no seu texto “Multidões queer” nos mostra que apesar de sermos um coletivo de letras da marginalidade social, não podemos cair no conto de que somos todos iguais, pois não somos, existem especificidades de vivências, memórias e violências.

Um recorte que devemos nos atentar são os corpos LGBT com deficiência física, intelectual, visual, auditiva ou comunicacional. Partindo do princípio que estou usando como recorte de espaço o MDS, ao analisar as exposições do museu, não foram encontrados corpos com deficiência, não constam nos catálogos ou nas postagens que a instituição faz no site a inclusão de pessoas LGBT com deficiência atuando na produção dessas artes e narrativas.

CAPÍTULO 3. O DAR A ELZA: ROUBOS E APAGAMENTOS DE PESSOAS TRANS NO CAMPO MUSEAL

Antes de desenvolver as reflexões desse capítulo e necessário que haja uma explicação do tema, o “O dar a Elza” na linguagem do pajuba significa roubar, ou seja, nesse capítulo trago como a inclusão de corpos e corpos trans são colocadas para fora das instituições de museus e de artes, como não pertencentes a esses espaços.

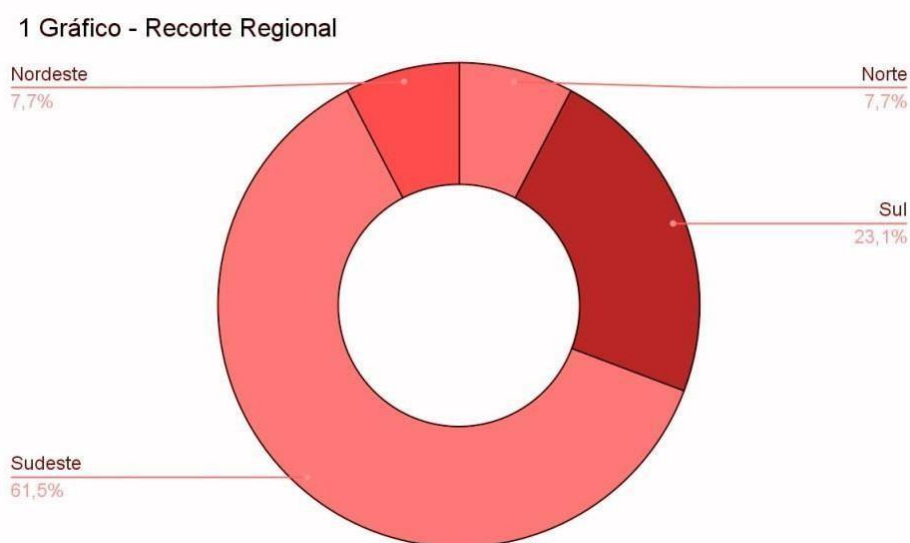
Para compreender as ausências de corpos e corpos trans em museus e galerias de arte, formulei um questionário usando a plataforma do Google, para que fosse possível ancorar as reflexões que trago na pesquisa (APENDICE 1).

Selecionei 50 artistas plásticos que representassem a letra T (trans) da sigla e que abrange os distintos corpos que essa letra representa dentro do espaço social. Cheguei a essa seleção de artistas por meio das redes sociais, pois seria uma conexão mais direta entre o eu pesquisador e essas pessoas.

A escolha foi pelo uso de hashtags na rede social Instagram na qual pude ter acessos a feiras de arte da comunidade trans, concursos e festivais de fomento de arte que incluem essas pessoas, ou seja, especificamente sobre a comunidade trans como o @redequem, @cats_trans, @catalogoartemais e @transceda; para além da rede social usei também a base de dados de artistas do MUTHA (Museu Transgênero de Arte e História do Brasil) que é o único no país e um dos únicos no mundo a contemplar apenas corpos de mulheres trans, transmasculinos e travestis.

O intuito com esse formulário é fazer um recorte de região do país, raça, gênero, bem como observar se existe ou não fomento de arte da comunidade trans dentro dessas instituições. Busquei mapear como essas pessoas enxergam os espaços disponíveis para expor suas artes, quando são oferecidos, construindo um diálogo por meio das palavras das pessoas participantes sobre as questões que cercam as suas artes e exclusões. Dentre esses 50 artistas de todo o país ao qual enviei o formulário, apenas 13 responderam. Esse resultado de pessoas que responderam é decorrente de algumas questões, por exemplo o tempo para o desenvolvimento da pesquisa.

No (gráfico 1) percebemos que a distribuição das pessoas artistas respondentes pelo Brasil: são 8 artistas do sudeste que estariam distribuídos nas regiões de: São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Adentramos a questões de oportunidades para expor os seus trabalhos e visibilidade, mesmo que outras regiões do país venham em uma crescente de descobertas de novos artistas, ainda não tem um olhar preocupado com essas questões quanto o Sudeste. Mas como apontado anteriormente, como a amostra é reduzida, essa composição regional tem um impacto considerável.



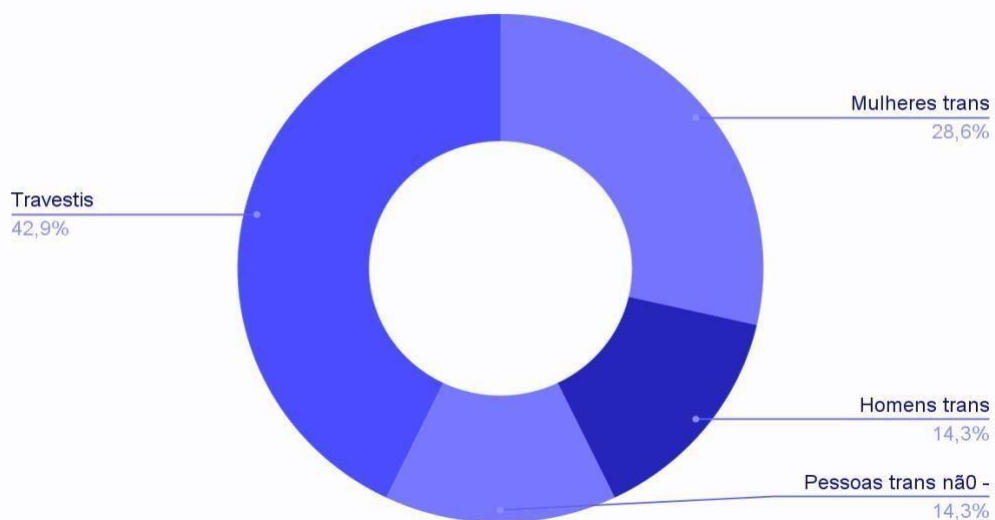
Quando se trata de organização, vejo que essa região está mais atenta em como driblar esse sistema excludente. Por exemplo, essas pessoas se encontram nas feiras que são feitas para a venda de obras de arte com valores mais democráticos, em universidades e até mesmo nas próprias organizações não governamentais (ONGs) de acolhimento de pessoas trans, que servem de base de apoio construtivo. E aqui devemos dar uma grande importância para as ONGs, já que muitas delas não tem apoio do governo e são responsáveis por tirar e reabilitar pessoas trans que foram deixadas em situação de rua, uso esse termo pois nem todas as pessoas trans que se encontram na rua estão lá por uma vontade própria, muitas não tiveram a opção. Vale ressaltar aqui também que o maior índice de violência contra a comunidade trans parte de dentro de casa, seja ela violência verbal, física e até mesmo sexual.

Para além dessa falta de incentivo de valorização da arte em outras regiões como o Centro-Oeste, de onde não obtive respostas, temos que nos debruçar de uma forma mais

aprofundada nas questões de gênero e sexualidade nesta região. No Centro-Oeste, o imaginário a respeito de quem produz arte, um local completamente privilegiado e elitizado. Os valores do agronegócio trazem problemáticas que vão para além da questão da relação entre ser humano e meio ambiente, vai para uma questão de sociabilidade que resulta não apenas em LGBTfobia, mas também no machismo, na intolerância religiosa e no racismo. Afinal, quem pode fazer arte? É um dos questionamentos que permeia a construção dessa pesquisa.

Um dos dados que fiz o levantamento no questionário é sobre a questão de recorte de gênero (gráfico 2). E aqui temos que tomar cuidado sobre os conceitos de cada um, em uma conversa devido ao questionário com uma das artistas participantes, ela entende que o corpo trans, foge da binaridade, pois ele não obedece a construção da norma colonial, onde a sociedade é construída apenas por dois indivíduos, homem e mulher, sendo assim ela entende o corpo trans de uma forma geral como uma comunidade de pessoas não binárias, uma comunidade que foge nas construções tradicionais de gênero e que cria da sua maneira as suas próprias convenções sobre o que é gênero. Devemos deixar explícito que esse olhar pode ser tanto singular quanto plural, se pode afirmar de uma forma total como a comunidade trans é vista dentro de recorte de população.

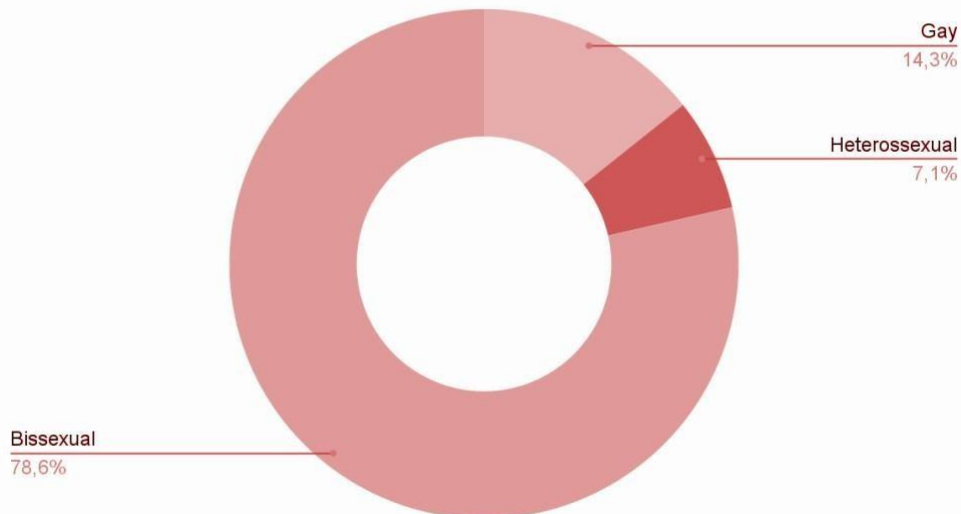
2 Gráfico - Recorte de Gênero



Ao adentrarmos as questões de sexualidade (gráfico 3), podemos compreender que a maior parte das pessoas que se voluntariaram para responder o formulário se autodeclara uma pessoa bissexual. Isso pode estar em curso com o que observei em algumas entrevistas como, por exemplo, de Erika Hilton, que em alguns Podcasts quando perguntada sobre a questão do

seu relacionamento, na qual é representada por duas pessoas trans. Ela coloca que a construção de afetos na comunidade trans e travesti vem se dando de uma forma de se reencontrar no corpo do outro, sendo assim acompanhando as questões de gênero, se apartando de certa forma do corpo cisgênero e do falo e assim preferindo construir seus amores, afetos por corpos trans bissexuais.

3 Gráfico - Recorte de Orientação Sexual



Existe um equívoco comum de que os homens trans são simplesmente mulheres lésbicas que têm uma identidade lésbica tão forte que optam por fazer a transição para homens. No entanto, esta noção é profundamente falha por várias razões. Para começar, ser um homem trans não implica necessariamente que alguém se identifique como lésbica ou esteja envolvido na comunidade lésbica, assim como mulheres trans e travestis. Além disso, a atração de pessoas trans não se limita a mulheres, homens ou indivíduos com expressão de gênero feminino ou masculinos.

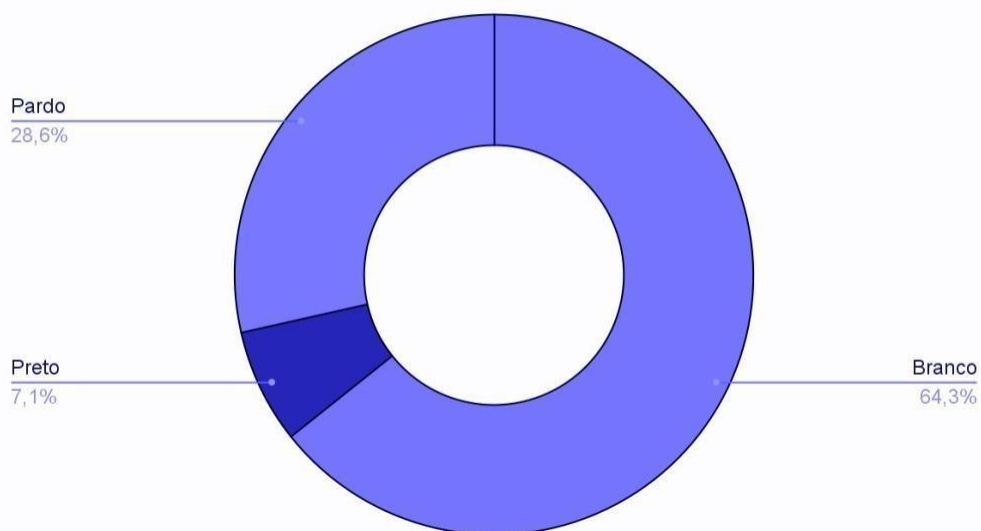
Pessoas trans têm a capacidade de sentir atração por indivíduos de vários gêneros, incluindo homens e mulheres, bem como por indivíduos transexuais, não binários. O conceito de bissexualidade vai além de ser transfóbico vejo a bissexualidade como um termo restritivo, pois a sua conceitualização está focada em dois gêneros.

Erika Hilton é a primeira Deputada Federal negra e trans eleita na história do Brasil. Em SP, teve 256.903 votos. Veradora mais votada do país em 2020, por 2 anos foi a presidenta da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal de São Paulo. Câmara dos Deputados.

A pessoa trans que se identifica tanto transgênero quanto como bissexual, deve estar ciente dos desafios enfrentados tanto por indivíduos cisgêneros bissexuais/pansexuais quanto por indivíduos transgêneros. Cada dia que passa reforça a importância de uma forte aliança entre a comunidade bissexual/pansexual e a comunidade trans. É desanimador testemunhar os numerosos equívocos e mal-entendidos perpetuados por indivíduos com orientação monossexual em relação à bissexualidade.

Outro dado importante para essa pesquisa é o recorte de raça (gráfico 4), na qual mostra que 61% dos artistas que se voluntariaram para responder o formulário são brancos, 31% são pessoas pardas e os 8% são formados por pessoas pretas.

4 Gráfico - Recorte de Raça



Quando debatemos sobre raça na arte, devemos contextualizar algumas coisas e responder à questão que foi levantada no começo do capítulo. Devemos ter muito cuidado na conceitualização da arte, não podemos deixar de citar que ela foi e ainda é atravessada pelas erosões sociais da colonialidade. Para Quijano (2002), a colonialidade do poder é caracterizada por uma distribuição desigual dos direitos de ser, pensar e existir baseada no critério da raça, operando nas dimensões materiais e subjetivas da existência social.

Para que essa pesquisa fique mais didática sem fugir muito do foco, vou fazer uma breve contextualização e que muitos vão se identificar por ter vivido o mesmo ou algo parecido. Quando somos crianças e temos os nossos primeiros contatos com a matéria de arte com seus artistas e conceitos, percebemos que toda a esfera que abrange esse tema é formada por uma maioria de homens, brancos e europeus e o que o difere desse belo, construído com base no

eurocentrismo, é algo primitivo ou que não se deve ser lido como arte, pois não obedece nem as regras sociais, nem movimentos, sejam elas referentes aos artistas e também a arte.

E aí entra a pergunta, quem é que pode fazer arte? Para essa pergunta temos duas respostas que conversam entre si, uma é de que as intuições ainda são permeadas por conceitos eurocêntricos e, conseqüentemente, pelo racismo, sendo assim, as ausências de artes e de pessoas pretas dentro de instituições é evidente, a não ser dentro da copa onde se faz o café ou a faxineira que cuida da instituição depois do horário comercial. A segunda coloca o holofote sobre o racismo estrutural, no qual é usada como uma ferramenta do capitalismo para uma incorporação no meio da arte, isso inclui roteiros culturais, incentivos para arte e estabilidade financeira que são um dos pilares para essa inclusão nesse meio. E então precisamos observar dados como o do Instituto Locomotiva em parceria com o Data Favela e a Central Única das Favelas (Cufa), mostra que 67% das pessoas que moram em periferias são pessoas pretas (Carta Capital, 2020), e aí tem uma pergunta que pode ser a chave dessa exclusão, como produzir arte se você precisa comer? Como fazer roteiros culturais se esses locais funcionam em horários comerciais?

Quando fazemos os recortes para pessoas trans pretas os dados são mais assustadores ainda, em 2017 uma pesquisa realizada pela Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil, mostra que 82% das pessoas trans e travestis abandonam o Ensino Médio entre os 14 e os 18 anos (Estado Minas, 2023). Em um estudo mais recente, segundo os dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra, 2020) mostra que 70% das pessoas trans e travestis não concluíram o Ensino Médio e apenas 0,02% dessa população teve acesso ao ensino superior.

Mas o que tem a ver com a arte? Essas pessoas na sua grande maioria não estão em casa tendo letramento com professores particulares, muito pelo contrário, uma parte dessas pessoas nem sobrevivem para poderem escrever a sua história e a outra parte está nas ruas vivendo da prostituição pela falta opção, já que foi expulsa de casa.

Olhar esses resultados evidencia que as expulsões de corpos marginais dentro da sociedade começam na escola “A escola é um espaço normalizador, tomando como modelo único de existência a branquidade e a cisgeneridade heterossexual.” (Brício, 2021. Pg 10), pois é nesse espaço que se começa moldar uma idealização de cidadão, porém um erro é cometido nessa construção, pois a intuição privada ou pública não é capaz de olhar para a criança como sujeito de direito, com sua experiência e entendimento sobre o próprio corpo, ou seja, aquele

ser vivo é visto dentro daquele espaço como um peão no jogo social; em uma entrevista da professora Rita Von Hunty²⁵ dada para a revista GQ Portugal em maio de 2021, ela pontua que:

Você cresce uma criança queer, e aí começam a tirar tudo de você. Não pode sentar assim, não pode falar assim, não pode gesticular assim, essa cor não é pra você, não pode brincar com isso... E eles vão te despedindo de tudo, tudo, tudo, até que não sobre nada em você. (...) Ser uma criança queer e ser inserido num campo de lei simbólica, da linguagem... que nos precede, que estava todo organizado e quando a gente chega a gente falta a, não tem lugar para mim! (...) E aí a gente chega aos trinta e se pergunta por que sou tão tímido? Por que não tenho traquejo social? Por quê? Você tem. É que a escola te tirou, o primeiro aparato ideológico repressor do estado, ele te tirou, assim você morre e assim você sobrevive.

Na entrevista em que a Meg Rayara Gomes de Oliveira concedeu para a Vilma Nonato de Brício, da Revista Diversidade e Educação (2021 pg. 14), completa que:

À medida que essas crianças questionam o gênero hetero atribuído a elas, questiona-se também a autoridade das pessoas adultas em decidir por elas, justamente porque esse questionamento envolve também o projeto de futuro construído pelas famílias. É fundamental que as crianças não sejam tratadas como propriedades, como artefatos biopolíticos a serviço das técnicas disciplinares das pessoas adultas. É necessário que a criança seja tratada como sujeita de direito e que suas reivindicações relativas à identidade de gênero sejam respeitadas.

Esse sistema educacional é onde se dita o caminho certo que deve ser seguido sem direito de questionamentos, sendo assim os que não adequam as esferas tradicionais de construção de afetos e de corpos e se transformam vítimas desses órgãos.

O que tiramos desses dados apresentados? Que pessoas trans, travestis, periféricas e pretas sofrem mais violências na sociedade, na qual as exclui instantaneamente na inserção, prática e no fomento da arte. Da “comunidade” da letra T da sigla é tirada qualquer forma de existir e produzir memória. Podemos então compreender as ausências das comunidades negras dentro desses espaços, principalmente quando se trata de museus, pois são locais construídos com uma ideologia de que o intelecto só pode ser apreciado ou adquirido por pessoas brancas, elitistas e cisgêneros. Mas isso não significa que pessoas trans e travestis brancas não sofram violências na inserção no campo da arte.

Guilherme Terreri Lima Pereira ou melhor Rita Von Hunty é uma drag queen, formada em Artes Cênicas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e formada em Letras na Universidade de São Paulo (USP). Ela escreve sua coluna quinzenal, "O Gabinete" na Carta Capital desde 2019. É dona do canal no Youtube chamado "Tempero drag" no qual criou para falar sobre o veganismo, porém hoje o seu conteúdo é sobre marxismo, política, sociologia e literatura.

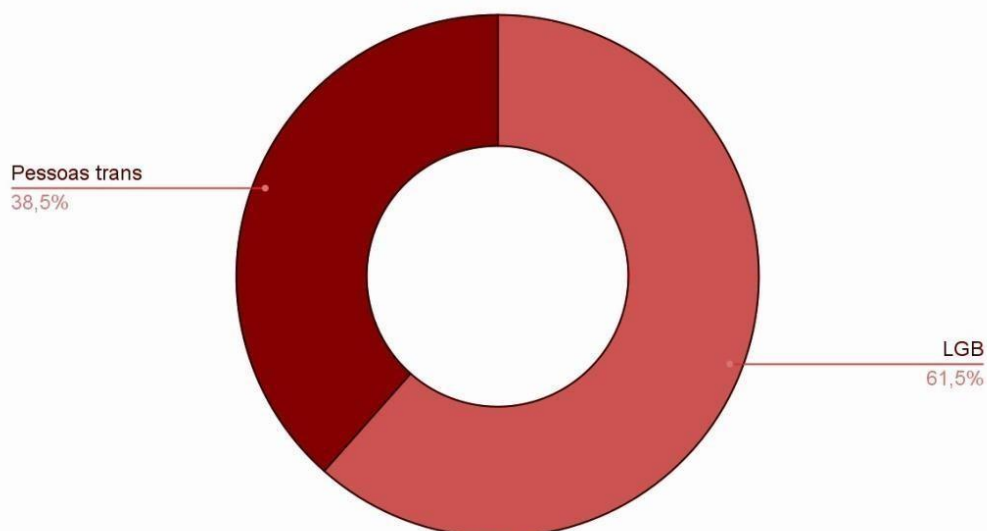
25

Então, se um espaço como o museu é excludente até para pessoas cisgêneras pobres, como essas intuições enxergam a comunidade trans, periférica e sem escolaridade? A resposta pode parecer dura, mas na verdade esses grupos sociais se não estiverem dentro de outras bolhas sociais excludentes, não são vistas, nem se quer são entendidos como indivíduos. Dentre as 13 pessoas que preencheram o formulário, nenhuma delas se identificou, nem amarela e nem indígena.

Outra problemática que podemos tirar desse recorte é sobre os corpos indígenas. Podemos compreender desde aspectos internos como algumas comunidades terem um olhar conservador ocidental nesses corpos, mas também pode se referir ao externo com altos índices de assassinatos de pessoas indígenas, a hegemonia social desde a colonização procura exterminar povos originários pois se não existe não é possibilitado de memória, mas também quem não existe não é impossibilitado de lutar por suas terras.

Foi perguntado para as pessoas respondentes do questionário se já teriam ido em alguma exposição que continha o tema LGBT, todas as pessoas responderam afirmativamente. No (gráfico 5) foi perguntado quais eram as letras da sigla representados nas exposições que as pessoas voluntárias teriam ido, 53% afirmaram que eram constituídos por pessoas LGB (gays, lésbicas e bissexuais) todos cisgêneros e 47% indicaram que as exposições que foram visitadas são exclusivamente de pessoas trans. Esses dados podem ser utilizados para reforçar a hipótese de que muitas exposições que têm o cunho LGBT, ou que levam o a sigla como tema, não inclui as pessoas trans. Lembrando que gênero não interfere na sexualidade, porém o recorte utilizado aqui são cisgêneros.

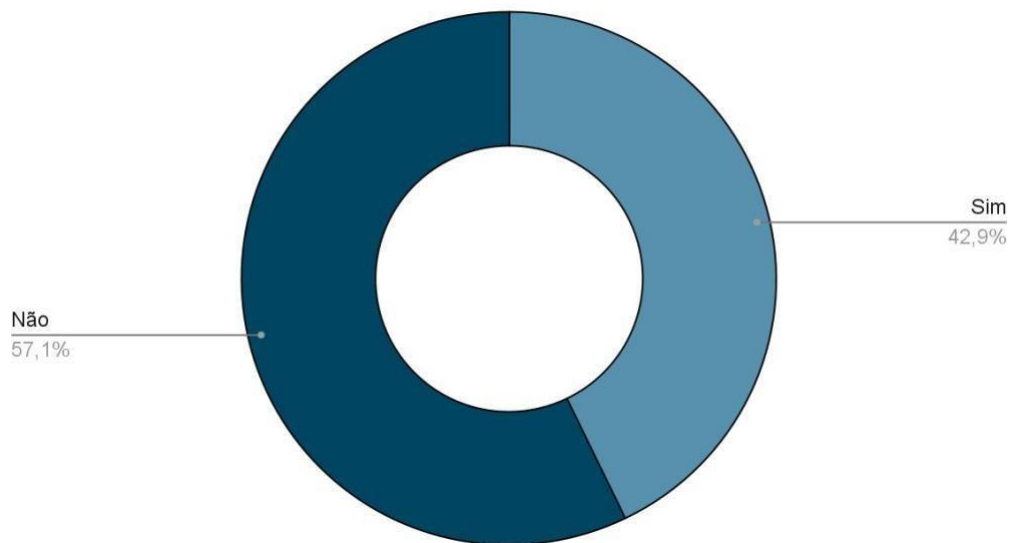
5 Gráfico - Correspondente as exposições que os voluntários foram



Perguntei também onde ocorreram essas exposições que essas pessoas teriam ido e aqui tivemos um salto positivo, pois existe uma crescente difusão dessas artes em galerias universitárias, como foi apontado a galeria passagem COART-UERJ e galeria do centro cultural da UERJ. Mas outras pessoas apontaram outros espaços como na Casa do Mario Quintana em Porto Alegre, onde alguns meses do ano são voltados para a comunidade trans; também foram apontadas exposições como a Exposição Ser Trans e Convenção das Thêmonias. Temos também locais abertos, como o Parque do Ibirapuera; um dado que apareceu e que me surpreendeu foi a utilização de festivais, como o festival colantes que acontece em Uberlândia em A Torre Casa Cultural, que não foi voltado apenas para a comunidade trans, porém, de acordo com a pessoa voluntária informou que havia bastante pessoas trans expondo os seus trabalhos sem nenhuma censura.

Questionei as pessoas que participaram se haviam exposto alguma obra de sua autoria em galeria ou museu. No (gráfico 6) temos o demonstrativo de que 54% já tiveram suas obras expostas e 46% não. Foi perguntado que caso houvessem exposto em algum lugar, se poderiam indicar os locais ou nomes de exposições que participaram, no geral os dados foram bem satisfatórios na quantidade de locais expositivos, foram inseridos: A Casa Mario Quintana (Porto Alegre, RS); Feira da Visibilidade Trans (a pessoa não deixou o local que ocorre essa feira); Torre da Cultura (Uberlândia – MG); Sp Arte (SP); Salão de Abril (não foi especificado qual edição), m.u.s.a (não foi possível identificação); ateliê 397 (Barra Funda – SP), ETA (não identificado); BarZarte (Maceio – AL), Bienal (não identificado a edição), Exposição PASSAGEM (Galeria da Passagem – UERJ – RJ) e concursos de arte na qual não foi colocado pela pessoa que respondeu o questionário. Todas que se encontrarem sem identificação e devido não achar dados em sites, blogs ou jornais que correspondam aos dados e devido o formulário anonimamente.

6 Gráfico - Se teve obras dos voluntários expostas



Após esses dados que foram levantados no formulário, pedi para que aquelas que as artistas que responderam o formulário pudessem apontar em um pequeno texto como se enxergam na construção dos espaços culturais. Para a minha surpresa tive algumas respostas positivas, informando que se vem criando locais de acolhimento para pessoas trans nesses lugares, mas que novos espaços devem ser construídos.

Entretanto, existem artistas que não conseguem perceber essa mudança nesses lugares, em uma dessas argumentações foi levantada a questão que essas intuições só procuram a comunidade trans em duas datas, a do mês do orgulho e o mês da visibilidade trans, que são momentos permeados no ganhar em cima de corpos da margem social, sem apoiá-los durante o restante do ano, o famoso pinkwashing²⁶, que pode ser confundido com outro termo que é o pinkmoney, porém esse conceito se refere no dinheiro da comunidade e no poder de compra da comunidade LGBT em específico, ou seja, são marcas que se aproveitam e se apropriam do mês do orgulho para fazer a rodinha do capitalismo girar com o consumo de tudo que pode ser criado e que possa levar a bandeira da comunidade, porém essas mesmas empresas não se vêem comprometidas em inclusão de pessoas dessa comunidade que gera milhões dentro de seus

²⁶ Pinkwashing - O chamado pinkwashing quando marcas e empresas se aproximam do movimento LGBTQIA+ na época do mês do Orgulho, que acontece em junho. (CNN Brasil, 2023)

escritórios, dos ambientes de trabalhos e nem ajudam a causas ou apoiam ONGs que protegem e acolhe pessoas LGBT em situação de rua ou de abandono.

Em um texto deixado no questionário, se deixa mais claro essa visão:

Fetichizada. As galerias e espaços culturais estão mais “abertos” a artistas trans, mas estão interessados somente em recortes específicos. Pessoas T que estão dentro de determinado perfil, ao mesmo tempo que fetichizam artistas periféricos, mas na prática não ajudam de verdade. No fim do dia esses artistas não são devidamente remunerados, e são acolhidos só até a página dois.

Mas existem outras perspectivas e ópticas quando se trata da comunidade trans no campo da arte, uma delas que podemos levar em conta são os estudantes que estão se formando para adentrar a esses espaços e acabam tendo uma perspectiva diferenciada dos que já fazem arte e que de certa forma já tem seu público e clientes. Mas também fala sobre o quanto a passabilidade no mundo regido pela binaridade é importante para ser visível ou poder adentrar a esses locais. O que é colocado por um dos entrevistados:

Fechada, na minha perspectiva enquanto homem trans e estudante de artes visuais, apesar de atualmente muitos espaços culturais se considerarem mais "abertos" para a diversidade, a verdade é que poucos desses espaços se preocupam realmente com a inclusão, a diversidade que muitas vezes é falada costuma ser praticamente exclusiva para pessoas cis. Claro, há exceções, mas pessoalmente conheço pouquíssimos lugares com uma boa relação com a comunidade trans.

E que é reforçado pela contribuição de outra entrevistada, na qual:

Muito aquém do que poderia vir a ser. Mas acredito que é um problema generalizado das instituições, sendo a Arte, apenas um reflexo da sociedade, apesar de algumas iniciativas pontuais que buscam reparar essas ausências no decorrer da violência colonial e da imposição binária sexo/gênero.

As ausências em espaços culturais não só geram marginalização de corpos, e corpos mas também causa o afastamento da comunidade dessas instituições, essas ausências têm sido bastante debatidas por algumas correntes da museologia contemporânea, na qual compreende a inclusão não só de pessoas LGBT mas de outros grupos marginalizados dentro do espaço cultural, que ainda na sua grande maioria ainda é frequentado por elite. Uma das entrevistadas comenta:

Por mais que eu seja artista há muitos anos, acabo não tendo criado a cultura de ir a museus e espaços culturais justamente por não me encaixar nos padrões que existem neles, então é meio complicado saber se para mim ainda é fechado ou não.

O não pertencimento também é fruto dessa ausência, mas também utilizado como ferramenta para refletirmos o que para essas intuições pode ser considerado arte e como a representatividade de arte pode ser lida como um espelho da sociedade. Essa representatividade não está englobada só nos artistas que são colocados para a exposição, na verdade os espaços expositivos são reflexos de uma de uma instituição que não pensa na inclusão. Me refiro às pessoas que trabalham nesses lugares, nas minhas pesquisas não encontrei trabalhos e muito menos pessoas em posições de direção de museus, temos pessoas que fogem da orientação sexual hegemônica, porém mesmo assim esses corpos na sua maioria obedecem aos mesmos recortes.

Temos que nos atentar para o que está sendo feito para reconstrução desses espaços e visões arcaicas de binaridade dentro dos espaços expositivos. As galerias universitárias têm sido uma ótima saída para exposição e divulgação de trabalhos e como locais de acolhimento desses corpos e corpos que são dissidentes. Quando foi perguntado no questionário onde essas pessoas tiveram seus trabalhos expostos, uma das pessoas colocou a galeria da universidade e a outra cita concursos, na qual ela não especifica onde são esses concursos, mas que podem ser utilizados dentro das universidades. Uma outra entrevistada cita dentro do ciclo de vivência, no qual ela pontua que:

Eu particularmente ainda não expus nem nada, mas eu tenho visto algumas exposições em espaços culturais acadêmicos, tipo o centro cultural da UERJ e a Galeria Macunaíma da EBA-UFRJ, mas provavelmente é por causa de que esses lugares são pros alunos apresentarem seus trabalhos. O que eu mais vejo em si (por ser minha vivência) é de que há bastantes alunos queer nas faculdades de artes e isso me alegrou muito.

Os dados obtidos com a aplicação do questionário, ainda que advindos de uma amostra reduzida, mostram que existe uma construção social, racial, gênero e sexual de quem deve permanecer nos museus, de quem é validado como artista e, mais importante, quem é validado como ser produtor de memória.

Alguns cursos universitários, aqui coloco alguns pois sabemos que não existem lugares completamente seguros para a comunidade LGBT, os que existem, ou melhor, os que nos acolhem e se transformam em pequenos lugares seguros têm sido como grandes cais em meio a turbulentas tempestades que vêm sendo formadas com o levante da ideologias de extrema direita no âmbito mundial, com intuito de silenciar não só uma letra, mas sim a comunidade inteira, como representantes de cultura, como idealizadores de lugares mais justos e o mais importante construtores de lugares que enxergam o pertencimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa trazida vem dotada de informações, dados e referências que poderiam ter uma amplitude maior, tanto de pesquisa de artistas quanto de bibliografias, porém isso levaria um tempo maior. Então, compreendo que meu trabalho até aqui serviu como uma forma de refletir os próximos passos para essa pesquisa. O primeiro embate que posso calcular, vem da questão do formulário, em uma conversa não formalizada com uma voluntária em responder o questionário, foi me questionado o motivo pelo qual partia meu interesse pela temática, respondi que percebia as ausências de pessoas trans no curso e dentro das intuições e via que não era um fato isolado, envolvendo mais questões e entrelaçado a outros marcadores sociais. Então ela me deu uma pequena aula de como os conceitos a respeito da comunidade são construídos, como as esferas artísticas são opressoras e excludentes e afirmou que até mesmo minha pesquisa era vista com desconfiança por ela. Após a conversa com essa pessoa comecei a ver meu trabalho com outros olhos, até mesmo onde eu poderia colocar meu corpo nele.

Ter essa conversa com ela foi muito importante pois foi responsável por me fazer entender a quão necessária é a minha pesquisa no meio acadêmico, mas também dentro da própria sigla LGBT, já que como nos vimos nem sempre e possível que pessoas trans pertencem a universidade, sendo assim criando ausências não so no campo acadêmico mas também em trabalhos. Na nossa conversa ela comentou sobre as violências que ela vem sofrendo, que tentaram entrar na casa dela para matá-la com pedaços de pau, ela cita também como as Ciências Sociais enxergam a comunidade trans, e aqui ela cita para mim que é como se estivesse nos antigos zoológicos de pessoas humanas, como se seu corpo fosse algo de outro planeta, uma espécie única da qual as pessoas podem sugar o que desejarem, porém sem reconhecimento da existência daquele corpo, não como um experimento mas, sim como um indivíduo com vontades próprias.

Iêda Figueiró (2021, pg 153) fala que:

A proposta de escolher o amor enquanto prática, enquanto ética, pode ser um caminho de superar a grande separação entre “nós” e “outros”, não porque seremos todos iguais, mas porque pode-se pensar em um ensinamento de “ser” que não parta da exclusão de outras formas de “ser”, e esse ainda é um caminho a se sonhar.

O meu trabalho não consiste apenas em uma pesquisa científica, a importância da minha pesquisa vem do entendimento desde quando me assumi um homem gay, que sou parte de uma comunidade. No decorrer dos anos fui percebendo que essa comunidade não era tão

unida assim, então vejo minha pesquisa não como só mais um dado, mas sim uma construção de algo, “busco fazer comunidade” (Oliveira, 2021, p. 154). Ao buscar referências bibliográficas de pessoas trans, conhecer novos artistas, entender a comunidade, observei que somente conseguirá ser ouvida quando pessoas cis reconheçam seus privilégios dentro da sigla (e no mundo), quando estivermos em sintonia e não com vozes espaçadas no meio de um campo de batalha, isso não nos serve de nada além do desgaste.

Em comunidade podemos dividir as nossas dores, fazer novos amores, recriar pontos que em um espaço tempo (que ainda não compreendo) foram desfeitos; compreender nossos corpos como comunidade nos ajuda a vencer um único “inimigo” em comum, que é o autoritarismo, o racismo, o machismo, a LGBTfobia, o capacitismo e a desigualdade social. E o mais importante: somos passíveis de criar afeto entre nós mesmos e nos apoiar.

Sei que a luta na comunidade LGBT, não é linda e de contos de fadas, pode ser que demore para que todas as pessoas que pertencem a comunidade sejam vistas por meio do mesmo plano, porém existem pessoas assim como eu pensando que isso pode ser possível, que a comunidade LGBT deve ser específica e sobre compreender os privilégios de algumas pessoas que compõem esse sistema, no qual se configura a comunidade.

A museologia não é bem uma pessoa, mas sim um ferramenta, na qual várias pessoas que enxergam um futuro mais igualitário nas representações de memória e de cultura estão utilizando para fazer luta política e conseqüentemente de memória. A utilização da museologia vem sendo de grande valia nesses momentos, pois vem nos ensinando o poder da memória e do pertencimento nos lugares; como podemos coletar, pesquisar, conservar e comunicar a nossa cultura e as nossas memórias e o mais importante, nos força a construir uma linha ampla quando se trata do olhar para a comunidade, como diz a Gal Costa e sobre estar “atento e forte, não temos tempo de temer a morte”.

A ideia de uma comunidade LGBT ainda está em processo, pois as nossas existências sempre foram negadas ou suprimidas dentro dos processos de colonização e de expansão no decorrer dos anos, com conseqüências tivemos os pagamentos de pessoas pretas, trans e travestis. A ferramenta que a museologia nos proporciona é a ressignificação, o questionamento do que foi criado aos olhos do outro e a partir daí construir uma museologia LGBT concisa e plural.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, G.. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades? Revista Estudos Feministas, v. 20, n. 2, p. 513–523, maio 2012.

AKOTIRENE, Carla. O que é Interseccionalidade? Belo Horizonte. 2018.

BARROCAL, André. “Se tem um lugar no Brasil onde o Estado mínimo existe, é a favela”. Com pesquisas sobre coronavírus em áreas carentes, Renato Meirelles vê pandemia expor a gritante desigualdade nacional. 2020. Carta Capital. Disponível: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/se-tem-um-lugar-no-brasil-onde-o-estado-minimo-existe-e-a-favela/>

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Memória e esquecimento LGBT nos museus, patrimônios e espaços de memória no Brasil. Revista do Centro de Pesquisa e Formação SESC, v. 5, p. 108-119, 2017.

BOITA, Tony. LGBTfobia museológica: algumas reflexões sobre as estratégias simbólicas utilizadas nos museus para invisibilizar pessoas LGBT. Memórias e Patrimônios LGBT. Revista Eletrônica Ventilando Acervos. 2020. Disponível em: <https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/08.-Tony-Boita.pdf>.

BOITA, Tony; BAPTISTA, Jean; WICHERS, Camila Moraes. Existe uma Museologia LGBT? In: Museologia LGBT: Cartografia das Memórias LGBTQI+ em Acervos, Arquivos, Patrimônios, Monumentos e Museus Transgressores. Rio de Janeiro. 2020. Editora Metanoia. No Prelo.

BUGRE, Arthur. População trans ainda sofre com falta de acesso à educação. A permanência de estudantes trans em ambientes de ensino é enfraquecida pela transfobia. Estado de Minas. 2022. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/colunistas/arthur-bugre/2022/01/21/noticia-arthur-bugre,1339171/populacao-trans-ainda-sofre-com-falta-de-acesso-a-educacao.shtml>

BUSELLI, C; OLIVEIRA, T; VIGNALI, C. Pessoas LGBTQIA+ com deficiência: a intersecção das diversidades. Como são as realidades de indivíduos pertencentes a ambas as identidades sociais? Unesp. 2021. Disponível em:

<https://www.faac.unesp.br/#!/noticia/2060/pessoas-lgbtqia-com-deficiencia-a-intersecao-das-diversidades>

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Editora José Olympio, 2018.

Câmara dos Deputados. Erika Hilton. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/220645>

CRENSHAW, K.. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002.

DE BRÍCIO, Vilma Nonato. Entrevista-Megg Rayara Gomes de Oliveira. Diversidade e Educação, v. 9, n. 2, p. 9-17, 2021.

Distrito Drag. Cultura LGBT: Conceitos, Gêneros e Linguagens [Felipe Arede - Instituto LGBT+]. Youtube. 14 de abr. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qaV-3kvwmS4&t=5427s>

FIGUEIRÓ, Iêda. Do íntimo ao coletivo: Figueira Infinita em busca da plenitude ontológica. 2021. 181 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021

GARCIA, Amanda. Pinkwashing: Neste mês do Orgulho LGBTQIA+, entenda o que é a prática. À CNN Rádio, o especialista em políticas públicas para diversidade Beto Lago explicou como empresas devem evitar o pinkwashing. CNNBrasil. 2023. Disponível: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pinkwashing-neste-mes-do-orgulho-lgbtqia-entenda-o-que-e-a-pratica/#:~:text=O%20chamado%20pinkwashing%20acontece%20quando,criativa%20e%20diversidade%20Beto%20Lago>.

Histórico de Programação. Museu da Diversidade Sexual. Disponível em: <https://museudadiversidadeseexual.org.br/programacaohistorico>

Museu da Diversidade de São Paulo destaca protagonismo de mulheres lésbicas e trans no combate a violências. Agência de Notícias da Aids. 2021. Disponível: <https://agenciaaids.com.br/noticia/museu-da-diversidade-de-sao-paulo-destaca-protagonismo-de-mulheres-lesbicas-e-trans-no-combate-a-violencias/>

Nota da ANTRA sobre as cotas e reservas de vagas em universidades destinadas às pessoas trans. Associação Nacional Travestis e Transexuais. 2020. Disponível: <https://antrabrasil.org/2020/12/17/nota-antra-cotas-universidades-pessoas-trans/>

NONATO DE BRÍCIO, V. Entrevista - Megg Rayara Gomes de Oliveira . Diversidade e Educação, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 9–17, 2022. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13947>. Acesso em: 27 dez. 2023.

NUNES, Sabrina. Os Primeiros Museus – Gabinetes de Curiosidades. Click Muses. 2021. Disponível: <https://clickmuseus.com.br/os-primeiros-museus-gabinetes-de-curiosidades/>

PASSOS, Giseli & CASAGRANDE, Lindamir. (2018). Homens (trans): da invisibilidade às transmasculinidades na educação. Cadernos de Gênero e Tecnologia. 11. 60. 10.3895/cgt.v11n37.8634.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto; MONTEIRO, Anne Alencar; DE JESUS, Jaqueline Gomes. Transfeminismo das transmasculinidades:: Diálogos sobre direitos sexuais e reprodutivos de homens trans brasileiros. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 6, n. 19, p. 90-104, 2023.

PETROW, Steven. Civilities: What does the acronym “LGBTQ” stand for?. The Washington Post. 2014. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/arts-and-entertainment/wp/2014/05/23/civilities-what-does-the-acronym-lgbtq-stand-for/>

PRECIADO, B.. (2011). Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". Revista Estudos Feministas, 19(1), 11–20. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002>

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura; MENEZES, Maria Paula (org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Humberto, MERKLE. Verdade, memória e esquecimento: mal de arquivo e acervos LGBTI+ como tecnologias de si. Memórias e Patrimônios LGBT. Revista Eletrônica Ventilando Acervos. 2020. Disponível: <https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/05.-Humberto.pdf>

REINAUDO, F., & GIMENES, S. P. (2021). Museu da diversidade sexual. In 6ª Congresso Internacional de Educação e Acessibilidade em Museus e Patrimônio: Nada sobre nós sem nós (pp. 63-71). Instituto de Estudos Brasileiros.

RITTINER, Daniel. A cara da barbárie. Acusados de matar homossexual, 30 carecas do ABC são presos e revelam crescimento do racismo. ISTOÉ. 2000. Disponível: https://istoe.com.br/33265_A+CARA+DA+BARBARIE+/

Sites Utilizados

<https://museudadiversidadesexual.org.br/>

<http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2013/164094-espaco-paco-realiza-a-exposicao-de-fotos-qo-t-da-questaoq.html>

<https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303631-d4377496-i1122830>

<https://jornal.usp.br/cultura/madalena-schwartz-fazia-do-ato-fotografico-um-gesto-existencial-e-politico/>

<https://www.iif.com.br/photomag/exposicao-crisalidas-de-madalena-schwartz/>

<https://www.guiadasemana.com.br/sao-paulo/na-cidade/evento/crisalidas-estacao-republica-do-metro-31-05-2013>

0-Museu_da_Diversidade_Sexual-Sao_Paulo_State_of_Sao_Paulo.html

<https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/00797/laerte>

<https://www.cultura.sp.gov.br/plural-24h-e-a-nova-exposicao-do-museu-da-diversidade-sexual/>

<https://camaralgbt.com.br/exposicao-plural-24h-segue-em-cartaz-no-museu-da-diversidade-sexual-em-sp/>

<https://canaltech.com.br/arte/museu-da-diversidade-sexual-abraca-tecnologia-e-inova-com-guia-robo-158367/>

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/11/museu-da-diversidade-sexual-tera-1-exposicao-virtual-veja-outras-opcoes.htm>

<https://www.educacao.sp.gov.br/conheca-paula-beatriz-a-primeira-diretora-trans-da-rede-estadual-de-ensino/>

<https://www.midianews.com.br/variedades/luana-muniz-conta-os-bastidores-do-encontro-com-o-padre-fabio-de-melo/250202>

<https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2023/10/27/quem-e-leandrinha-du-art-influence>

<https://www.guiagaysaopaulo.com.br/noticias/cidadania/morre-brunna-valin-ativista-trans-e-d>

https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2023/01/04/noticia-diversidade,1440673/exposicao-apresenta-memoria-lgbtqia-do-brasil-colonia-ate-os-dias-atuais.shtml#google_vignette

Apêndice 1

Este questionário faz parte da pesquisa de monografia (CIS)TEMA: **A costura da vida de pessoas trans no campo museal**. O questionário busca entender como vem sendo feito o fomento de arte por meio da comunidade trans no âmbito museal e nas instituições de arte nacional.

Tempo de resposta: 10 min

* Todas as respostas aqui são sigilosas sem a identificação das pessoas respondentes, mesmo aquelas que optarem por inserir seus nomes.

Nome:

Data de nascimento:

Estado / Cidade:

Email:

1- Como você se define:

Mulher trans

Homens trans

Travesti

Pessoas trans não-binárias

2- Orientação Sexual:

Gay

Lésbica

Bissexual

Heterossexual

Assexual

Pansexual

3- Como você se declara:

Branco

Preto

Pardo

Amarelo

Indígena

4 - Você já foi em uma exposição que tinha artistas LGBT?

Sim

Não

*** Se sim, você saberia informar qual letra da sigla tinha mais representantes?**

5- Você já foi em algumas exposições que tenha artistas trans?

Sim

Não

*** Caso tenha ido, qual exposição?**

6- Alguma obra sua já foi exposta publicamente?

Sim

Não

***Se a resposta for sim, qual museu ou espaço cultural? Qual exposição?**

7- Como você considera a relação dos museus e espaços culturais com a comunidade trans? Receptiva? Fechada? Por que?

8- Comentários Adicionais